



www.adventistas.org/ministeriopessoal



SEMANA SANTA 2016

Com Paixão

SERMONÁRIO




IGREJA
ADVENTISTA
DO SETIMO DIA
Divisão Sul-Americana

João

SEMANA SANTA 2016

Com Paixão



Ficha técnica:

Temas: Juan Choque Fernández

Coordenador Geral: Everon Donato – DSA

Secretária: Ruth León

Diagramação e arte: Victor Hugo Flores

Tradução: Arlete Inês Vicente

Revisão: Beatriz de Albuquerque Ozorio Rago e Julie Any Marques

Pintura original: JoCard

Direito de tradução e publicação: Divisão Sul-Americana





Índice

1. Compaixão pela humanidade 3
2. Compaixão pelos incuráveis 9
3. Compaixão frente à morte 15
4. Compaixão pelos imperdoáveis 21
5. Compaixão pelos que choram 27
6. Compaixão pelos maltratados 33
7. Compaixão pelos perdidos 39
8. Compaixão sem limites 45

Tema 1

COMPAIXÃO PELA HUMANIDADE

Mateus 9:36

INTRODUÇÃO

Durante essa semana, a palavra central será “compaixão”. Assim sendo, nosso desafio será aprender a palavra “compaixão” em grego: *Esplagnisomai*. Ela também pode ser traduzida como “ter simpatia, pena, ser movido pela misericórdia do coração”. Spurgeon disse que essa palavra grega “é muito notável. Não se acha no grego clássico, não se encontra na *Septuaginta* [a tradução grega do Antigo Testamento]. Foi uma palavra criada pelos evangelistas [Mateus, Marcos e Lucas]. Eles não encontraram uma palavra no grego que atingisse seu propósito e assim a criaram. Ela expressa a emoção mais profunda, uma dor nas entranhas, uma aguilhada no estômago. Um anelo interior com sentimento de pena. O coração de Cristo estava a ponto de ser partido devido àquilo que Seus olhos viam. Ele sentiu compaixão pelos sofredores diante dEle”. Se somássemos todo o caráter de Cristo, este poderia se resumir a uma frase: ‘Compadeceu-Se deles’. Sim, isso é *Esplagnisomai*.

Podemos deduzir que a razão porque não havia uma palavra no grego para descrever “compaixão” se devia ao fato de que a nação greco-romana não sentia essa emoção. Era uma civilização degenerada pela crueldade. O apóstolo Paulo descreve essa “civilização” como “insensatos, pérfidos, sem afeição natural (que não amam) e sem misericórdia (não perdoam)” (Rm 1:31). O Dr. Charles Hodge disse: “O retrato que se pinta aqui é escuro, embora não tão escuro como o que apresentam os mais renomados autores gregos e latinos de seus próprios conterrâneos (no primeiro século)”.

I. COMPAIXÃO PELAS CIDADES (Mateus 9:35)

“E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades.”

Viver na cidade é cada vez mais complicado. As sete cidades com maior população no mundo são: Tóquio, com 37,8 milhões; Nova Delhi, com 27 milhões; Seul, com 25 milhões; Shangai, com 24.750.000; Mumbai (Bombaim), com 23.140.000; Cidade do México, com 21,6

milhões e São Paulo, com 21,2 milhões. As palavras que definem uma cidade grande são: congestionamento, imoralidade, caos, violência e descontrole.

Nos dias de Cristo, não era muito diferente. Havia cidades imensas. Falemos sobre quão desapiados eram os romanos e sobre sua crueldade sanguinária nos coliseus, onde as pessoas se divertiam na embriaguez enquanto gladiadores lutavam e até crianças pequenas eram despedaçadas por ursos e leões selvagens. Também era uma prática comum desses pagãos “abandonar” seus bebês recém-nascidos, não desejados, às intempéries para morrer nos campos e bosques, como uma forma cruel de aborto.

Porém, quando Cristo veio, Seus seguidores salvaram muitos deles. Era comum que aqueles primeiros cristãos fossem aos campos e bosques resgatar os bebês que choravam, abandonados ali para morrer. A compaixão desses primeiros cristãos era uma novidade no mundo greco-romano do primeiro século. E era uma das grandes características da nova religião que atraiu dezenas de milhares de pessoas às igrejas. Aqueles primeiros cristãos haviam aprendido do próprio Cristo a ter compaixão!

Cristo não temeu as cidades. O texto diz que Jesus percorria todas as cidades e povoados. Todos (havia cerca de 200). Sua paixão por alcançar todas as cidades grandes e pequenas refletia Sua preocupação com os milhares de pessoas que ali viviam. Cristo poderia ter ficado em uma única cidade. Havia trabalho suficiente a ser realizado em Jerusalém ou em outra cidade.

- a. Fico imaginando Jesus iniciando o dia e Seus discípulos lhe dizendo: “Mestre, não concluímos a obra aqui. Temos que curar muitos enfermos. Devemos terminar o trabalho”. Jesus provavelmente respondeu: “Devo pregar em todas as cidades vizinhas, pois para isso fui enviado”. Ele pensava na próxima cidade, e na seguinte e na mais adiante. Pensava nas cidades nas quais nunca trabalhara.
- b. Paulo teve a mesma visão. Ele falava dos “lugares além” (2Co 10:16), zonas não ocupadas. Disse que deveria ir à Espanha e a Roma (Rm 15:23, 24). Ele também entendeu que o evangelho deveria ser levado a todo o mundo.
- c. Temos que alimentar a todos. Quando o Senhor alimentou os cinco mil, fez com que se assentassem em muitas fileiras e, depois de abençoar o pão, entregou-o aos discípulos para que dessem o pão a toda a multidão. Será que os discípulos insistiram em apenas alimentar a primeira fileira, oferecendo a cada

- um deles uma segunda porção? Não! Mil vezes, não! Se tivessem agido assim, os da última fila teriam gritado: “Sirvam-nos, pois não recebemos nada e estamos morrendo de fome”.
- d. Hoje falamos da segunda vinda de Cristo, e quão injusto é o fato de que alguns ainda nem mesmo ouviram a respeito de Sua primeira vinda. Parece que os das primeiras fileiras estão sendo superalimentados, chegando a sofrer de indigestão espiritual.
 - e. A compaixão de Cristo nos ensina que devemos ir e atender às pessoas das últimas fileiras, famintas pelo pão da vida.

Ilustração:

O Dr. Duff, o grande missionário veterano da Índia, voltou para a Escócia para morrer e, ao estar diante dos altos líderes de sua igreja, fez um apelo, mas não houve resposta. Na metade de seu apelo, ele desmaiou e foi retirado da plataforma. O médico se inclinou sobre ele para lhe examinar o coração. Então, ele abriu os olhos e perguntou:

—Onde estou? Onde estou?

—Fique quieto — disse o médico — seu coração está muito fraco.

—Mas — exclamou o antigo lutador — tenho que concluir meu apelo! Leve-me novamente à plataforma. Ainda não concluí meu apelo.

—Fique quieto — repetiu o médico — você está muito fraco para voltar.

Porém, o velho missionário se esforçou para ficar em pé. Sua determinação venceu sua debilidade, e, com o médico de um lado e outro ajudante do outro, o lutador de cabelos brancos foi novamente conduzido à plataforma. Enquanto subia as escadas do púlpito, toda a assembleia se pôs em pé em sua homenagem. Então, ele prosseguiu com o apelo:

—Quando a rainha Vitória pede voluntários para a Índia, centenas de jovens respondem; mas quando o Rei Jesus faz o apelo, ninguém se apresenta.

Fez uma pausa e retomou seu discurso:

—Será verdade — perguntou — que a Escócia não tem filhos para dar à Índia? — Novamente fez uma pausa.

—Muito bem! — concluiu. — Se a Escócia já não tem jovens para mandar à Índia, então, velho e desgastado como estou, eu voltarei e, se não puder pregar, vou me recostar nas margens do Ganges e ali

esperar pela morte, para que as pessoas da Índia saibam que há pelo menos um homem na Escócia que está suficientemente interessado em suas almas e que está disposto a dar a vida por elas.

Naquele instante, vários jovens na assembleia se puseram em pé e gritaram:

—Eu irei! Eu irei! Eu irei!

Depois que o famoso missionário deixou este mundo, muitos daqueles jovens percorreram a Índia, dispostos a entregar a vida como missionários, graças ao apelo que Deus fez por meio do doutor Duff.

Amigo, você se acomodou tanto neste mundo que perdeu a visão que Cristo tinha de chegar a todas as cidades? Você tem o desejo de ir? Deus está falando com você? Você sentiu Seu chamado? Não quer você responder: Senhor, “eis-me aqui, envia-me a mim” (Isaías 6:8)? E se você não puder ir, estaria disposto a enviar um substituto? A decisão é sua.

II. COMPAIXÃO PELAS MULTIDÕES (Mateus 9:36)

“Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor” (NVI).

Mateus descreve o que Jesus viu nas multidões e a reação delas. Ele emprega dois termos gráficos para descrever a condição das multidões:

- a. O primeiro termo que descreve as multidões é “aflitas”, tradução da palavra grega cujo significado é: abatidas, fustigadas, esgotadas, angustiadas.

O ser humano tem destruído seu planeta, provocando a devastação da flora e da fauna, afetando milhões de habitantes em continentes inteiros. Além disso, fez má distribuição das riquezas. A desigualdade é desanimadora: 85 milionários possuem o equivalente ao que possuem 3.500.000.000 de pobres. Traduzindo em números, quase a metade da riqueza mundial está nas mãos de um insignificante 1% e a outra metade é dividida entre os 99% restantes.

Essa aflição das multidões afligia a Cristo. Não obstante, Ele ia além. Ficava aflito, acima de tudo, pela pobreza espiritual e moral. Um mundo que perdeu os valores e princípios e que segue sem rumo.

- b. O segundo termo, “desamparado”, significa: abandonado, expulso, espalhado, disperso. E isso é exatamente o que tam-

bém ocorre no mundo. Qual é seu sentimento quando vê uma multidão de milhares de jovens, cheios de adrenalina, gritando eufóricos por seu time de futebol? Qual é sua atitude diante de uma multidão que marcha em favor do aborto e do casamento homossexual? É uma multidão que perdeu o sentido, que não tem uma bússola. A filosofia deste mundo a enganou. “Você não precisa de Deus”, foi-lhes dito. Não requer normas; você é a sua própria norma. Não há um destino melhor, pois a morte é o fim. Então, para onde você está indo?

Cristo completa a frase ao dizer que eles não têm pastor. Os “pastores do mundo estão levando as multidões ao caos, à beira do abismo, ao verdadeiro holocausto”.

Conclusão:

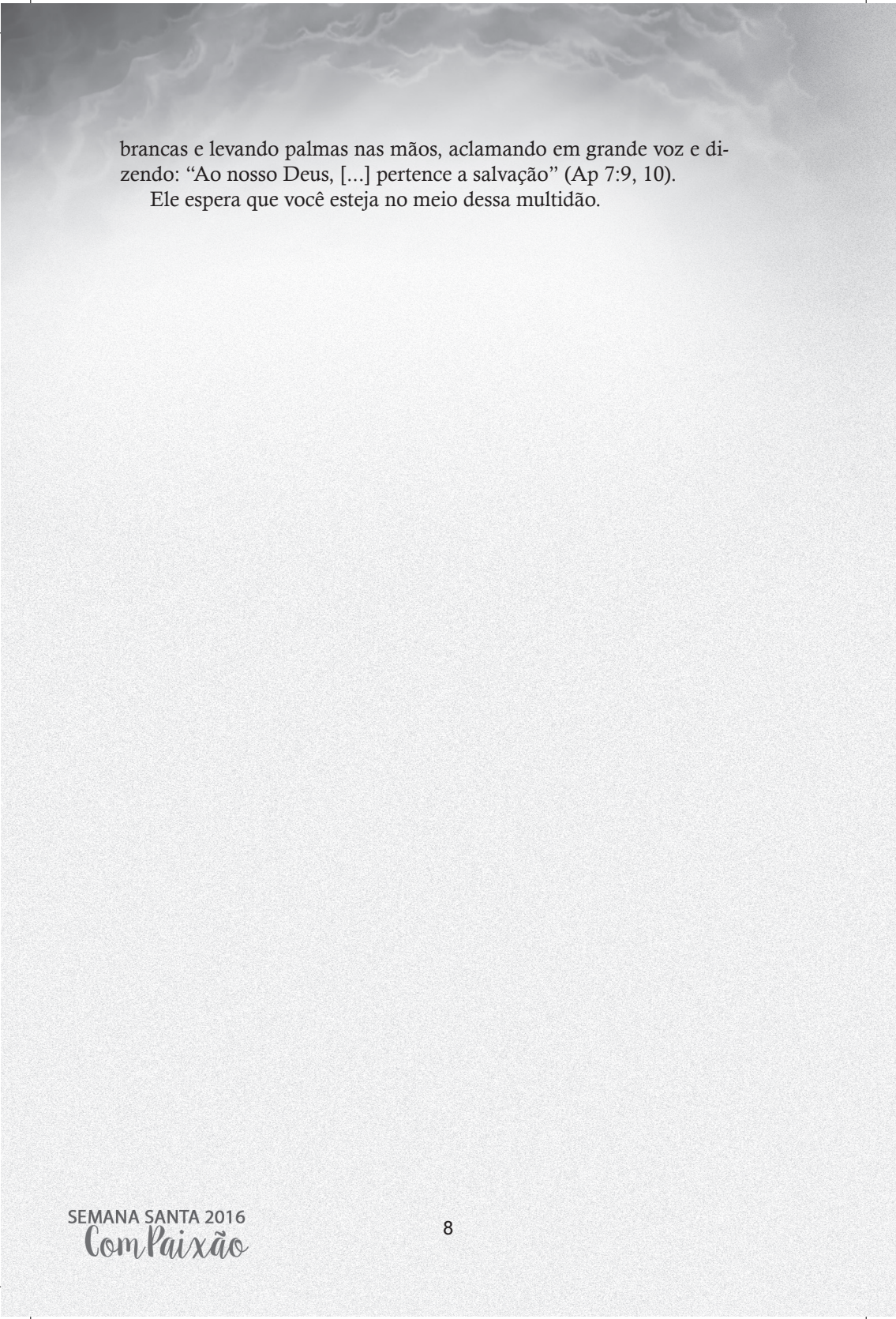
O sentimento de Cristo nos impressiona. Ele sentia compaixão pelas cidades e multidões. Um amor profundo, um amor que chega a doer nas entranhas. Na verdade, não é apenas a multidão que Lhe preocupa; é a soma de cada um dos indivíduos que a compõem. No dia em que Jesus entrou em Jericó, uma multidão O acompanhava e outra O recebia. Certo indivíduo subiu em uma árvore e ficou camuflado entre a folhagem, pois queria ver Jesus. Ele tinha um sentimento de admiração e uma necessidade urgente de mudança. Jesus passou perto dele e, sem titubear, o chamou pelo nome e lhe disse que precisava hospedar-Se em sua casa.

Hoje, talvez você esteja escondido entre a multidão, crendo que passará despercebido, mas a verdade é que Deus, entre toda a multidão, tem interesse especial por você e lhe diz que deseja que você faça parte de Sua equipe, a qual tem uma missão em cada cidade e no meio das multidões.

No dia em que Jesus entrou em Jerusalém montado em um jumentinho, Ele parou e chorou no meio do lugar. Ele não chorou por Si mesmo, mas chorou pelo destino fatal de milhares naquela cidade, pela cegueira e dureza de coração daqueles a quem veio abençoar e salvar.

Ele chora pela multidão, mas também chora por você, porque deseja salvá-lo e deseja convidá-lo a se unir à Sua equipe de resgate, nos momentos mais difíceis da humanidade.

Ele ama as multidões porque um dia uma multidão que ninguém poderá contar, de todas as nações e raças e povos e línguas, estará diante do trono na presença do Cordeiro, vestido com vestiduras



brancas e levando palmas nas mãos, aclamando em grande voz e dizendo: “Ao nosso Deus, [...] pertence a salvação” (Ap 7:9, 10).

Ele espera que você esteja no meio dessa multidão.

Tema 2

COMPANHIA PELOS INCURÁVEIS

Marcos 2:1-12

INTRODUÇÃO

Os dias de Cristo na Terra foram repletos de trabalho e ações de compaixão. Isso não O impedia de algumas vezes buscar descanso na casa de algum de Seus amigos.

Duas expressões se destacam no texto de Marcos 2:1, 2. A primeira é “em casa”. Não há nada como sentir-se em casa. Algumas pessoas vivem em casas grandes, mas não se sentem bem nelas. Querem fugir e desaparecer. Como é bom ter uma casa e sentir-se em casa.

A segunda expressão é “logo correu que ele estava em casa”. Outra versão traduz como “e soube-se que estava em casa”. Essa casa estava cheia de gente. “Muitos deles tinham ido como espiões, buscando motivos para acusar Jesus. Além destes apinhava-se a promíscua multidão, os fervorosos, os reverentes, os curiosos e os incrédulos. Achavam-se representadas diferentes nacionalidades e todos os graus sociais.” O texto diz que “muitos afluíram para ali, tantos que nem mesmo junto à porta eles achavam lugar”. Lucas complementa: “E a virtude do Senhor estava com Ele para curar”. Lucas 5:17” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 21).

Quão imenso é o amor de Deus! As pessoas vieram para acusá-Lo, mas Ele esteve disposto a curá-los. Essa é uma amostra de Sua compaixão: *Esplagnísomai*, uma preocupação real, uma dor nas entranhas, fato que O impulsionava a Se entregar pelas pessoas.

I. O HOMEM QUE DESPERTA COMPANHIA (Marcos 2:3)

Não distante dali, em outra casa, acontecia um drama que tinha como epicentro um paraplético, paraplético, incapaz de ajudar a si mesmo. Mesmo hoje, com tanta ajuda tecnológica, é um grande infortúnio ser paraplético. Imagine só como era a situação de alguém assim no primeiro século. Naquele tempo não havia lençóis macios, nem colchões ortopédicos. Os parapléticos jaziam em esteiras, incomodados pelas escaras infectadas, impossibilitados de até mesmo espantar as moscas que pousavam em suas feridas.

a. O paraplético do relato havia perdido toda a esperança de cura.

Além disso, ele sabia que sua vida pecaminosa o havia levado

a essa condição, e o remorso lhe amargava ainda mais o sofrimento. “Em vão apelara para os fariseus e os doutores em busca de alívio; pronunciaram incurável o seu mal, declararam que havia de morrer sob a ira de Deus” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 21). Ao perder toda a esperança de cura, ele anelava que seu suplício chegasse ao fim.

- b. A paralisia representa o poder do pecado arruinando a vida das pessoas. Há pessoas paralisadas pelas bebidas alcoólicas, pelas drogas, pela infidelidade, pelos vícios secretos e por outros venenos que abundam no mundo. Eles desgraçaram sua própria vida e afetaram a vida da família inteira. Consumidos pelo remorso, creem que são incuráveis e que não há esperança, mas Cristo veio para destruir as obras do diabo, romper as correntes, e trazer liberdade e cura.

II. A COMPAIXÃO DOS AMIGOS (Marcos 2:3)

“O parálítico imergira no desespero. Ouviu então contar as obras de Jesus. Outros, tão pecadores e desamparados como ele, haviam sido curados, e foi animado a crer que também ele o poderia ser, se fosse levado ao Salvador” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 21).

- a. Os amigos. O parálítico contava com uma força importante: seus amigos. Quatro amigos maravilhosos que, ao tomarem conhecimento de que o único médico capaz de curar essa enfermidade estava em Cafarnaum, decidiram que não deixariam essa oportunidade passar. Não havia tempo a perder, pois já sua carne consumida apresentava sintomas de morte.

Pegando a esteira, levaram-no pelas ruas até a casa de Pedro, para que recebesse a cura.

Que ótimos amigos! Eram amigos verdadeiros. Porque amigos são aqueles que nos levam ao que é bom. Por outro lado, os “amigos” que levam outros aos vícios e ao mal não devem ser chamados de amigos, mas de inimigos.

- b. Os abridores de telhado. “O doente olhava em redor com inexprimível angústia. Como poderia ele abandonar a esperança quando tão perto estava o anelado auxílio?” (*Ibid.*, p. 75). Então, ele teve uma ideia excêntrica: retirar as telhas do telhado e abrir uma brecha que lhe permitisse baixar até os pés de Jesus. Os amigos não duvidaram. Conseguiram abrir um buraco no telhado. John Ortberg, referindo-se a

esse caso, fala da comunidade dos *abridores de telhado*: pessoas capazes de fazer o impossível em prol da cura de seus amigos.

III. A FÉ DOS AMIGOS (Marcos 2:5)

“Vendo-lhes a fé [...]” (Mc 2:5). Incrível! O paralítico seria atendido pela fé deles, dos amigos. Será possível que a salvação dependa tanto da fé dos amigos?

Talvez alguém aqui hoje tenha sido trazido por seus amigos. Outros vieram pela súplica de seus pais. Há homens que estão aqui devido à oração das esposas e vice-versa. Pense nisto: salvo pela fé e pela oração de uma mãe que nunca deixou de orar pelo filho ou pelo clamor de uma esposa que ora pelo marido.

Nunca deixe de orar por aqueles que você ama; nunca deixe de orar pelos amigos. Deus recompensará a fé daqueles que pedem em favor de outros.

História

Marcela se entregou ao Senhor graças a um programa de televisão. Isso a tirou de uma depressão profunda. Ela estava feliz frequentando a igreja, mas o marido não queria participar, por mais que ela lhe rogasse. Ele se limitava a levá-la à igreja e a buscá-la na hora exata. Muitas vezes ela tinha de sair antes do término do culto para não ficar envergonhada pela buzina insistente do carro do marido. Ela passou 17 anos orando para que Deus tocasse o coração dele. Em uma semana de oração, o marido aceitou de má vontade levá-la todas as noites, exigindo que ela atentasse para o horário. Porém, para economizar combustível, ele decidiu esperar até a hora do término do programa. Havia uma vaga perto da janela da igreja e, sem haver planejado, ouviu o sermão e ficou impressionado. Isso ocorreu durante todas as noites, e ele passou a exigir que a esposa saísse mais cedo de casa. Na verdade, ele não queria perder o lugar preferencial que encontrara junto à janela. No último dia, sorrateiramente, entrou na igreja e, na saída, esforçou-se para falar com o pastor. “Sou o marido da Marcela”, ele disse. “Quero me batizar.” O pastor titubeou e lhe disse que ele não havia recebido os estudos bíblicos. O homem respondeu: “Por 17 anos, ela tem me falado de Deus, e eu conheço todas as doutrinas. Apenas gostaria que o senhor me ajudasse a dar à minha esposa uma surpresa amanhã. Eu serei o último a entrar na água”. Imaginem o que aconteceu. A irmã quase morreu de emoção

quando viu alguém tão parecido com o marido descer às águas e então ao comprovar que de fato era seu marido. Esse foi realmente um milagre.

Sem dúvida, a salvação é pessoal. Mas alguns não chegarão aos pés de Jesus se não for pela fé dos amigos.

IV. A COMPAIXÃO DE CRISTO (Marcos 2:5-12)

- a. Os teus pecados estão perdoados. Agora, aos pés de Jesus jazia o paralítico. Os presentes contiveram a respiração. Não queriam perder sequer uma palavra dita por Jesus. E agora, com palavras que soavam como música aos ouvidos aos quais eram destinadas, o Salvador disse: “Filho, os teus pecados estão perdoados” (Mc 2:5).

“O peso da culpa cai da alma do doente. Não tinha mais dúvidas. As palavras de Cristo revelam Seu poder de ler o coração. Quem pode negar Seu poder de perdoar pecados? A esperança toma o lugar do desespero, e a alegria o do opressivo acabrunhamento. Desaparece o sofrimento físico do homem, e todo o seu ser se acha transformado. Sem mais nada pedir, repousa em tranquilo silêncio, demasiado feliz para falar” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 22).

- b. Quem é este que pode perdoar pecados? É Cristo, o Filho de Deus, Aquele que dentro em pouco derramaria Seu sangue na cruz pelos pecados de todo o mundo.

O problema do homem não é apenas físico, mas também espiritual. Há uma relação direta entre a saúde física e a saúde espiritual. Muitas pessoas estão enfermas porque carregam imensas culpas que ninguém no mundo é capaz de tirar. Foi para isso que Cristo veio, para tirar os fardos. Ele disse: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11:28).

As palavras de Cristo são reais hoje e chegam ao seu coração: “Filho, os teus pecados estão perdoados”. Você deseja receber o perdão de Deus hoje? Fique em pé e entregue seu pecado, pois Jesus está esperando para fazer um milagre em sua vida. (Colocar uma música de fundo e esperar que as pessoas se coloquem em pé.)

Há aqui algum marido que deseja pedir perdão publicamente à esposa? Há alguma esposa que deseja pedir perdão ao marido? Há algum pai que deseja obter o perdão de seu filho ou sua filha? Há algum filho que deseja pedir perdão a seu pai ou à sua mãe?

Se Cristo nos perdoa, como poderemos deixar de perdoar a nosso

próximo? Este é o maior milagre de Deus. É o princípio da cura, da paz e do amor. Esta é a hora do perdão e da reconciliação.

Tenha coragem e faça isso hoje. Não há como seguir em frente e ser feliz sem primeiro acertar os problemas do coração. (Pedir que as famílias se unam.)

V. OS EFEITOS DA COMPAIXÃO (Marcos 2:11)

Porém, os milagres de Deus são completos. A cura não apenas foi interior, mas também exterior. Ele disse ao paralítico: “Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (Mc 2:11).

“Então, ele se levantou e, no mesmo instante, tomando o leito, retirou-se à vista de todos, a ponto de se admirarem todos e darem glória a Deus, dizendo: Jamais vimos coisa assim!” (Mc 2:12).

a. “Levanta-te”. Cristo nos habilita a andar e a seguir em frente.

“Levanta-te” significa coragem para prosseguir.

O milagre é total. Não é apenas uma ação imediata como justificativa, mas algo que nos acompanha por toda a vida: a santificação. Não podemos voltar para casa e seguir vivendo como fazíamos antes, pois algo ocorreu em nosso ser, e essa transformação será renovada todos os dias de nossa vida.

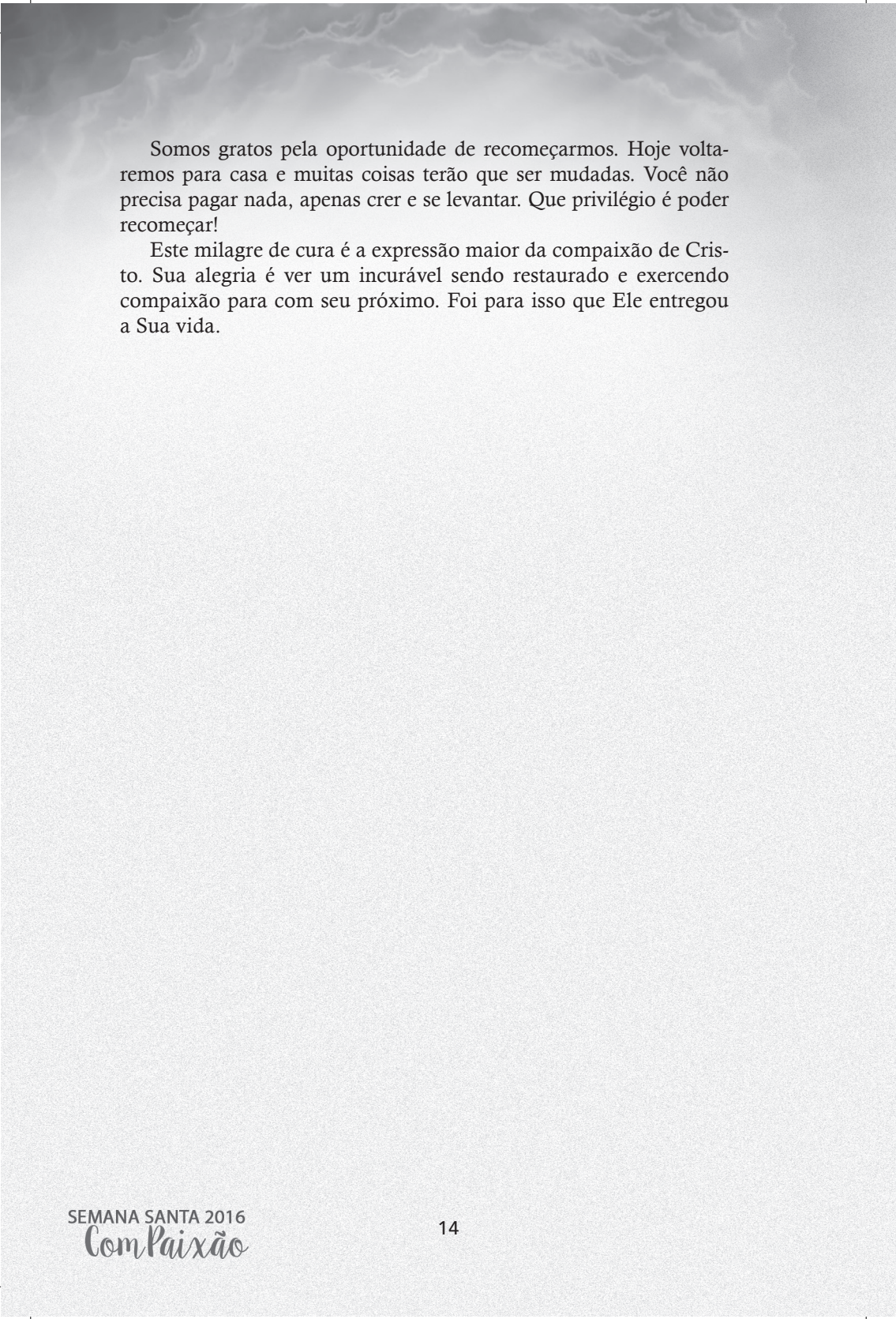
b. “Toma o teu leito” se refere à parte que corresponde ao ser humano. Deus faz o milagre e o homem o aceita, levanta e toma o seu leito. Ele não fica de mãos cruzadas; tem que fazer sua parte e enfrentar sua realidade diária. Significa assumir o papel que lhe corresponde no lar, deixar de fazer algo que está destruindo sua vida.

c. “Vai para tua casa” significa que é na privacidade de nosso lar que devemos testemunhar o milagre de Deus. Não há outro cenário para o desenvolvimento da personalidade e do caráter como o seio familiar.

É em casa que provamos nossa lealdade a Deus e a nosso próximo. Por isso, Satanás deseja destruir o lar, mas Deus continua sustentando as famílias.

CONCLUSÃO

Em pé, individualmente e como famílias, estamos rogando um milagre de amor. Ele, cheio de compaixão nos diz em primeiro lugar: “Filho, filha, seus pecados estão perdoados”. Então nos levanta e nos dá a ordem para cumprirmos nosso papel e vivermos em paz no lar.



Somos gratos pela oportunidade de recomeçarmos. Hoje voltaremos para casa e muitas coisas terão que ser mudadas. Você não precisa pagar nada, apenas crer e se levantar. Que privilégio é poder recomeçar!

Este milagre de cura é a expressão maior da compaixão de Cristo. Sua alegria é ver um incurável sendo restaurado e exercendo compaixão para com seu próximo. Foi para isso que Ele entregou a Sua vida.

Tema 3

COMPANHIA FRENTE À MORTE

Lucas 7:11-17

INTRODUÇÃO

Fomos criados para ganhar e não para perder. As perdas deixam em nós marcas difíceis de apagar. É provável que hoje alguém esteja sofrendo com a perda de um ente querido e sinta que sua dor é esmagadora. Veremos hoje como Cristo é a verdadeira fonte de esperança quando temos que enfrentar esse inimigo de todos nós: a morte.

Há perdas de diversas naturezas: perda de sonhos, de um amor, do cônjuge, da estabilidade, etc. Jesus sabe o que você está passando e tem o poder para lhe devolver mais do que a vida ou as circunstâncias lhe tiraram.

I. O CORTEJO FÚNEBRE (Lucas 7:11,12)

A cena mostra uma viúva liderando o funeral de seu único filho.

- a. Terrível drama. No marco histórico do primeiro século, não havia nada mais patético do que uma mulher viúva naquela sociedade machista. Os únicos que podiam sustentá-las eram os filhos. A mulher nessa história possuía um único filho.

Embora Êxodo 22:22-23 advirta o povo para não afligir as viúvas, a sorte delas, nos tempos do Antigo Testamento era, de forma geral, difícil. Um pouco mais adiante, Cristo faz referência à oferta da viúva como a oferta dos mais pobres entre os pobres (Mc 12:44). Assim mesmo, denuncia energicamente os fariseus: “porque devorais as casas das viúvas” (Mt 23:14).

- b. Além de ser viúva, agora ela estava indo enterrar seu filho único. Naqueles dias, somente a misericórdia sustentava uma viúva sem nome. Não havia um plano de aposentadoria nem qualquer tipo de seguro. Ela sabia que provavelmente teria de passar a mendigar.

Em 1967, os psiquiatras Thomas Holmes e Richard Rahe realizaram um estudo que consistiu em analisar os registros médicos de mais de cinco mil pessoas. Graças a esse estudo, eles elaboraram o que é conhecido como a “Escala de Estresse de Holmes-Rahe”.

Uma pontuação superior a 150 pontos de estresse já é suficiente para provocar problemas de saúde no paciente. Alcançar 300 pontos põe a vida em risco. Os primeiros 16 acontecimentos dessa lista e a pontuação são transcritos abaixo:

1. Morte do cônjuge- 100
2. Divórcio- 73
3. Separação matrimonial- 65
4. Ser preso- 63
5. Morte de ente querido- 63
6. Lesão ou doença pessoal- 53
7. Casamento- 50
8. Demissão do trabalho- 47
9. Reconciliação matrimonial- 45
10. Aposentadoria- 45
11. Doença de um membro da família- 44
12. Consumo de drogas e/ou alcoolismo- 44
13. Gravidez- 40
14. Dificuldades ou problemas sexuais- 39
15. Chegada de um novo membro à família- 39
16. Adaptação a novo emprego ou negócios- 39

Se considerarmos todos os aspectos, a viúva de Naim supera de longe a pontuação máxima. Obviamente, ela passou por uma dor que poucas pessoas poderiam superar na vida. Chega um momento em que os seres humanos, muitas vezes, dizem que preferem morrer.

II. O CORTEJO DA VIDA (Lucas 7:11,14)

A dolorosa cena começa a mudar quando outro cortejo se aproxima.

- a. Outra multidão se aproxima. O cortejo da vida e o cortejo da morte ficam frente a frente. Os versos 11 e 12 falam dessas duas multidões. O que entrava na cidade era encabeçado pelo Rei da vida, cheio de regozijo, esperança e sonhos. Por outro lado, o cortejo que saía da cidade, a outra grande multidão, estava tomado pela dor e pelo pranto. Na verdade, isso representa o encontro diário na vida. Os que seguem no caminho da vida e os que vão pelo caminho da morte.

- b. Nos versos 13 e 14, são registrados pelo menos três eventos:
1. Jesus Se compadeceu da viúva e lhe disse: “Não chore”. Compaixão, no grego *esplagnízomai*, é uma dor realmente grave, uma dor nas entranhas, uma pontada no estômago. *Esplagnízomai* pela mulher, pelo filho e pela multidão. Compaixão é sentir a dor do outro como se fosse a sua, ter empatia com o que o outro sente. Somente aquele que passa por algo similar pode compreender. Jesus Se compadeceu daquela mulher e decidiu que converteria seu pranto em regozijo.
 2. Jesus Se aproximou e tocou o esquife. Para os judeus, o ato de tocar no morto significava contaminação. O processo de purificação levava vários dias. Ele não Se importou com esse aspecto e tocou o morto. Isso nos leva a compreender que não importa a magnitude de nossa impureza nem a nossa condição ou o quão imorais são os nossos pensamentos. Cristo não tem o menor problema de nos tocar. Assim como naquele dia, Cristo continua buscando a quem tocar.
 3. Jesus deteve o cortejo da morte. Há alguns que se aprofundam no lodo do pecado... Estão no caixão que segue para o sepulcro infernal. Estão mortos e não sabem – são zumbis. Vivem uma farsa. São ímpios porque fazem tudo o que um ímpio faz: sexo ilegal, uso de drogas e de bebidas alcoólicas; permitem que todo tipo de pecado prolifere em sua mente, mesmo sendo filhos de Deus. Vão ao encontro da morte eterna. Mas o Espírito Santo está ali para deter esse caminho para o inferno.

III. PALAVRAS DO REI DA VIDA (Lucas 7:14)

Cristo não deteve o cortejo para dar os pêsames. Ele parou a marcha para dar vida e dizer: “Jovem, a ti te digo: levanta-te!” (v. 14).

- a. Talvez você acredite que está cheio de vida e, ainda assim, esteja morto. Aplique à sua vida essa ordem poderosa agora: Levanta-te.
- b. Ele também falava a um povo inerte, uma nação sem vida. Aquele que crê em Mim, Ele disse, ainda que morra, viverá. Talvez estejamos com os olhos bem abertos, mas mesmo assim estejamos mortos. Talvez haja aqui uma jovem que perdeu sua virgindade; um rapaz que se envolveu com drogas e que

luta com essa miséria. Jesus diz: “Aquele que crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá” (Jo 11:25). Há vida e vida em abundância em Cristo. Essa é a compaixão de Cristo que leva à ressurreição, à nova vida.

Ilustração

Antônio era o pior aluno em Matemática. Qualquer exercício o fazia tremer. Pior, uma equação de primeiro grau o levava à depressão. Sentia-se inútil e inapto para qualquer carreira na área das ciências. Um dia, chegou uma nova professora com um método especial de ensino. Depois da explicação, ela fez uma pergunta simples. Pela primeira vez, Antônio ergueu a mão e respondeu. Então, a professora disse rapidamente: “Você é um ótimo aluno em matemática e tem potencial para ser o melhor aluno”. Antônio confessa, de modo jocoso, que ali nasceu nele o espírito de Einstein. *Ela pensa que eu sou o melhor aluno. E se isso for verdade?* Daquele dia em diante, ele passou a se comportar como o fazem os grandes alunos de Matemática. Levantava-se pensando na matemática, caminhava pensando nas equações. Antônio acreditou no que a professora havia lhe dito. Essa ideia passou para sua corrente sanguínea, para suas células, e ele alcançou a excelência.

Deus declara a você grandes coisas hoje, mas elas apenas se tornarão realidade se você crer. O que o torna inerte é o fato de não acreditar no que Deus pensa a seu respeito. Se Deus lhe diz que você está perdoado, então creia que assim é. Se Ele diz que seus pecados foram lançados nas profundezas do mar, então saiba que lá eles estão. A partir disso, você enxergará os Dez Mandamentos de forma diferente. Você não irá considerá-los apenas como “nãos”, mas passará a acreditar que pode guardá-los, pela graça de Deus.

Napoleão perdeu seu cavalo. Os mais experientes lhe disseram que seria impossível encontrá-lo. Porém, um soldado sem patentes militares se apresentou e disse que resgataria o animal. No fim do dia, ele voltou trazendo o cavalo. Quando o soldado raso chegou diante de Napoleão, o grande general lhe disse: “Muito obrigado, capitão!”.

Satanás diz que você é um perdedor. Porém, ouça o que Cristo lhe diz: “Você é um filho de Deus. Você está vivo”. Você não tem o direito de descrever.

IV. AS PALAVRAS DO RESSUSCITADO (Lucas 7:15)

“Sentou-se o que estivera morto e passou a falar.” Não há registro do que o jovem disse. Porém, podemos imaginar algumas

perguntas que ele fez. Não é difícil imaginar que imediatamente manifestou sua gratidão. Você sabe por que não falamos de Cristo? Porque estamos mortos. Alguns não louvam a Deus, não cantam, não testemunham, não demonstram *esplagnízomai* porque estão mortos. O que o jovem fez assim que foi ressuscitado? Começou a falar, porque passou da morte para a vida. Esse desejo de testemunhar e de falar de Cristo é evidência de que estamos vivos.

CONCLUSÃO

Depois de ressuscitar o jovem, Cristo o restituiu à sua mãe. Devolveu-lhe o filho que ela perdera. Quem perdera tudo agora tinha tudo de volta (v. 15).

Cristo sabe o que é perder um filho, porque perdeu Adão. Jesus sabe o que é perder um filho, porque um dia Ele perdeu você.

Agora Cristo está esperando que Seus filhos queridos voltem para Seus braços. Ele veio ao nosso encontro, parou, tocou nossa vida impura, parou nosso caminho para o sepulcro e agora nos diz: “Chegou a hora. Levante-se”. O que você está esperando? Creia nEle e venha. Receba o milagre de uma nova vida. Essa é a melhor expressão da compaixão (*esplagnízomai*) de Deus.

Tema 4

COMPANHIA PELOS IMPERDOÁVEIS

Lucas 7

Introdução

Do ponto de vista humano, pensamos que há pessoas que definitivamente não merecem compaixão: assassinos, ladrões, raptadores, estupra- dores, terroristas, pedófilos, etc. Homens e mulheres que transpassaram a barreira do perdoável e que, por seus atos, merecem o desprezo da sociedade, as mais altas penas judiciais e a prisão perpétua.

Porém, há pessoas comuns, como você e eu, que se tivessem reve- lado a história que ocultam, poderiam entrar na categoria daqueles que não merecem compaixão.

O relato bíblico se desenvolve em torno de um desses casos. Os quatro evangelhos relatam a história e cada um apresenta detalhes que nos ajudam a compreender a trama e o amor de Jesus Cristo. Um fariseu corrupto e uma pecadora são o objeto da compaixão de Jesus Cristo.

I. SIMÃO, O LEPROSO (Lucas 7:36)

Marcos se refere a Simão como o leproso (Mc 14:3). Lucas o apre- senta como um fariseu (Lc 7:37). O verso 36 diz que esse fariseu, agora curado, rogou a Jesus que jantasse com ele. “Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa.”

- a. Fariseu e leproso, nada mais triste do que isso. Eram os fari- seus que certificavam as enfermidades transmissíveis dos cida- dãos e que determinavam sua expulsão; eram também eles que podiam ordenar sua reintegração na sociedade. Sua decisão prevalecia acima de qualquer clamor ou circunstância.

Quando se viu leproso, Simão sabia o que tinha que fazer. A lepra era uma enfermidade incurável, contagiosa e mortal. Ele era um homem morto, e assim tinha que expulsar a si mes- mo da comunidade.

Hoje, há enfermidades que tomaram o lugar da lepra: uma delas é a AIDS.

- b. Cristo teve pena dele e o curou.

Não há descrição do momento da cura de Simão. Porém, a Bíblia registra a cura de vários leprosos. Ele os tocava, passava

perto deles, desafiava a sua fé. Cristo tinha uma forma de ajudar em cada caso.

Assim como ontem, Cristo segue passando pela vida dos desamparados e segue realizando milagres de compaixão.

- c. Simão organizou um banquete para celebrar seu retorno à sociedade. O grande convidado era Jesus, Aquele que o curara. Além de Cristo, Simão convidou outras pessoas importantes, entre elas, Lázaro, que fora ressuscitado.
- d. Cristo aceitou o convite porque ainda tinha algo para fazer.

“Simão estava agradecido mas não O aceitara como Salvador. Seu caráter não estava transformado; permaneciam sem mudança seus princípios” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 390). Sem demora, a realidade de sua triste condição interior seria revelada, e ele teria a oportunidade de receber um milagre que jamais havia pensado.

Esse é o caso do leproso que voltou agradecido. Os outros nove perderam o melhor. Ao que voltou, Jesus não apenas o purificou e curou (*terapeúo*), (Lc 17:17), mas foi além. Ele lhe disse: “Levanta-te e vai; a tua fé te salvou” (*Soso*) (Lc 17:19). É exatamente isso que Cristo deseja fazer por todos os que recebem a cura. O trabalho de Cristo deve ser o modelo para nosso trabalho em favor dos necessitados.

- e. Compaixão é preocupação pelas necessidades físicas e também interesse pela saúde espiritual. Deus não apenas quer cura, mas também a salvação.

II. A MULHER PECADORA (Lucas 7:37)

- a. Uma mulher da rua.

Lucas 7:37, 38 diz: “E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungiu com o unguento.”

Tudo estava preparado para ser uma noite memorável, para um retorno triunfal de Simão à vida social. Porém, algo alterou definitivamente o ambiente e o programa. Foi a entrada de uma mulher que se lançou aos pés de Jesus.

“Ao ver isto, o fariseu [...] disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora.”

Simão conhecia muito bem aquela mulher... “Simão induzira ao pecado a mulher que ora desprezava. Fora por ele profundamente prejudicada. [...] Mas agora Simão duvidava se o Salvador era profeta. Por Cristo permitir que essa mulher dEle se aproximasse, por não a desprezar como alguém cujos pecados são demasiado grandes para serem perdoados [...]” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 396).

- b. “Simão, uma coisa tenho a dizer-te. [...]” (Lc 7:40).

“Dirigiu-se Jesus ao fariseu e lhe disse: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. Ele respondeu: Dize-a, Mestre.”

Quando o chefe diz que deseja falar conosco, ficamos alertas e até mesmo nervosos. Cristo surpreendeu os pensamentos de incredulidade de Simão, pois lera sua mente. O olhar de Cristo lhe revelou que sabia tudo. Então ele entrou em pânico. Cristo poderia denunciá-lo diante da sociedade. Nesse momento crítico, o Senhor conta uma história: “Certo credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinquenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais?

Respondeu-lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe: Julgaste bem” (Lc 7:41-43).

Cristo não o denunciou e falou em uma linguagem que somente ele podia entender. Coberto de vergonha, ele compreendeu que estava diante de Alguém que lhe era superior. “Vês esta mulher?”, Ele lhe disse, “É uma pecadora”. “Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama”.

Simão reconheceu quão pouco havia apreciado a misericórdia que recebera. Enquanto pensava que estava lendo a seu Hóspede, era este que o estava lendo.

- c. A hora do reconhecimento.

Agora Simão passa a ver a si mesmo sob um novo ponto de vista. Viu que sua religião era apenas um manto farisaico. Havia desprezado a compaixão de Jesus. Maria era uma pecadora perdoada, ele era um pecador curado, mas sem perdão.

Uma denúncia severa teria endurecido o coração de Simão, mas a paciente admoestação de Jesus Cristo convenceu-o de seu erro.

Nessas circunstâncias, Jesus Se dirigiu à mulher e depois de perdoá-la lhe disse: “A tua fé te salvou; vai-te em paz.” (v. 50)

Ilustração.

A agência de notícias ISNA identifica o homem que iria ser enforcado como Balal. Em 2007, aos 19 anos, ele assassinou Abdollah Hosseinzadeh, 17 anos. Os dois se envolveram em uma briga na rua e Balal pegou uma faca de cozinha e apunhalou o Abdollah. O fato ocorreu no Irã, onde o enforcamento ainda é aceito como forma pública de execução. Balal está com a cabeça coberta e a corda ao redor do pescoço. O jovem gritava e orava em voz alta antes de ser totalmente silenciado. Neste instante, aparece a família da vítima e a mãe, Maryam Hosseinzadeh, se dirige à multidão e diz que esta vivendo um pesadelo desde que perdeu o filho e que não podia pedir a si mesma para perdoar o assassino. Então caminha até Balal e pede uma cadeira a fim de ficar na altura dele. Ela sobe na cadeira e esbofeteia Balal dizendo: “Perdoadado”. Ela faz isso seguidamente, para admiração de todos. Então, juntamente com o pai de Abdollah tiram a corda do pescoço que um minuto depois lhe teria tirado a vida. A cena conclui com Balal ajoelhado e com a família do condenado correndo para abraçar a esses pais e para lhes agradecer, em meio a lágrimas, pelo perdão imerecido que concederam a seu filho.

CONCLUSÃO

Quando, à vista humana, um caso pode parecer sem esperança e alguém é considerado imperdoável, Cristo vê nele aptidões para o bem. Aquela que tantas vezes caíra e cuja mente fora habitação de demônios, foi restaurada e posta em íntimo contato com o ministério do Salvador.

O fariseu hipócrita e corruptor de jovens, descobre envergonhado que Deus lhe conhece o coração e que mesmo assim está disposto a ir muito além de apenas curar-lhe a lepra, mas purificá-lo da lepra da alma.

Nessa ocasião tão especial, Cristo não apenas salvou Maria, mas, por Sua compaixão, salvou também a Simão.

Às almas que se voltam para Ele em busca de refúgio, Jesus as eleva acima das acusações. Homem algum ou anjo mau pode acusar essas almas. Elas estão diante do Grande Advogado, diante do trono de Deus. “Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós” (Rm 8:33, 34).



Se você sente que Deus não pode te perdoar, nesta noite você testemunhou o grande amor de Deus e Sua compaixão. Você pode deixar este lugar com as palavras de Cristo soando em seus ouvidos: “A tua fé te salvou; vai-te em paz”.

Tema 5

COMPANHÃO PELOS QUE CHORAM

Mateus 5:4

Introdução

Uma irmã piedosa sempre pedia ao pastor para orar por ela. Toda semana, fazia seus pedidos. As necessidades eram intermináveis: “Não tenho casa. Meu dinheiro não é suficiente. Não tenho amigos, etc.” Em determinado encontro, o pastor, já preocupado, pediu que ela fizesse uma lista daquilo que possuía. Não era possível que ela não tivesse nada. No culto seguinte, o pastor procurou essa irmã e, esperançoso, lhe disse: “O que a senhora não tem eu já sei. Agora me entregue a lista do que a senhora tem”. Sem demora, ela disse: “Tenho reumatismo, colesterol alto, hipertensão...”.

Deixando de lado essa anedota, reconhecemos que há momentos em nossa vida quando realmente estamos expostos a tantos problemas e quando nossa necessidade é tão grande que o choro é inevitável.

Mateus 5 apresenta as bem-aventuranças. Uma delas, a do verso 4, é desconcertante ao dizer: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”.

A palavra bem-aventurados significa “felizes”. Então, como os que choram podem ser felizes? Esse é um paradoxo.

Não há como esquecer algumas histórias por mais que o tempo passe, visto que as cicatrizes não nos deixam esquecê-las. Eu tinha sete anos quando, ao querer subir (em vez de descer) por um declive, simplesmente escorreguei e caí de cara no cimento, quebrando um dente da frente. A dor vinha da ideia de ficar sem meu dente e do ar frio que penetrava no nervo, toda vez que eu me atrevia a abrir a boca. O dentista não conseguia me ajudar, pois eu não parava de chorar. Então, a enfermeira tentou ajudar e disse: “Os homens não choram”. Continuei chorando, agora de vergonha e raiva.

Lembro-me de haver chorado algumas vezes na vida. Chorei de tristeza, de medo, de saudades. Geralmente, choramos pelos problemas e, às vezes, de felicidade.

Davi, um homem considerado como valente, confessou que fazia a sua cama nadar em lágrimas (Salmo 6). No Salmo 42, ele declarou que suas lágrimas haviam sido seu alimento de dia e de noite.

Cristo também chorou. Jesus sabe o que é perder um amigo. Chorou ao olhar para Jerusalém e prever o sofrimento de seu povo de coração duro. Jesus conhecia a dor que leva ao pranto. Então, por que Ele fala que nos momentos em que choramos somos felizes? Seria como dizer: Felizes são os infelizes.

Apresentaremos dois tipos de choro:

I. CHORO POR ESTAR FERIDO

Deus não prometeu que Seus filhos não teriam motivos para chorar. Ele Se comprometeu a estar com Seus filhos, mesmo nos momentos de pranto. Ele sente verdadeira compaixão quando Seus filhos choram.

Então, por que Deus permite que coisas ruins aconteçam a pessoas boas? Para responder à pergunta, sigamos o raciocínio de Wellington Gil Rodrigues, falecido professor de Ciências e Bíblia da Faculdade Adventista da Bahia. Ele responde à pergunta feita por muitas pessoas boas: Por quê?

Vejam algumas das respostas propostas:

- a. “Coisas ruins ocorrem tanto às pessoas boas quanto às más. Não há uma moralidade nos fatos. Há apenas causa e efeito, leis naturais. Deus não tem nada a ver com isso, porque a verdade cruel e simples é que Ele não existe.” Está claro que esse tipo de resposta (ateísta) não pode satisfazer à maioria de nós que cremos na existência de Deus. Mesmo que descartemos essa resposta, a pergunta continua soando insistente: Por quê?
- b. Outro tipo de resposta seria: “Coisas ruins acontecem. Isso é um fato. Deus é o Criador. Também é um fato. A verdade é que Ele não Se importa, porque está muito distante”. Esse tipo de resposta (deísta) pode nos levar à rebelião. Que tipo de Deus é esse que cria e abandona? Seria uma espécie de pai cósmico, ausente, que não se interessa pelo sofrimento de Seus filhos? Não podemos aceitar essa ideia. Então, para os que cremos em um Deus onipotente e amoroso, o questionamento de Epicuro é pungente: “Se Deus pode dar fim ao mal, mas não quer, Ele é monstruoso”. Se Ele pode e quer, por que não o faz?
- c. Para os que cremos que há um quadro explicativo maior chamado de “o grande conflito”, resta um tipo de resposta (que nem sempre é reconfortante): “Coisas ruins acontecem, mas Deus tem um propósito, mesmo quando eu não entendo”. Por que às vezes essa resposta não é reconfortante? É porque o homem tem uma

necessidade peculiar de entender o porquê. Sabemos que um dia o conflito terá fim e que “Deus enxugará as lágrimas de todos os olhos”, mas a dor, às vezes, parece tão grande, tão pesada, que continuamos a nos perguntar: Por quê?

- d. O professor Gil propõe uma resposta estruturada sobre a diferença de uma foto e um filme. Uma foto ou uma cena congelada é apenas uma cena circunstancial de fatos que parecem explicar o todo, mas não é assim. A interpretação de uma foto pode ser muito diferente da realidade. Apenas se vírmos o filme completo, entenderemos a verdade. Diante disso, fica a lição de que ao buscarmos as respostas aos porquês das tragédias, geralmente temos acesso apenas a “fotos” ou cenas instantâneas, que não nos permitem ver a história que ainda não terminou. Quando estamos imersos na dor, é muito difícil entender que “Deus não conduz jamais Seus filhos de maneira diferente da que eles escolheriam se pudessem ver o fim desde o princípio, [...]” (*Cuidado de Deus*, p. 62). Nesses momentos, é importante ouvir o que Deus está dizendo: “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais” (Jr 29:11).
- e. É então que as palavras “bem-aventurados os que choram” passam a ter sentido. Quando compreendermos toda a história, veremos que foi o melhor. Perguntemos a Jó se ele concorda com isso. É muito mais fácil explicar tudo depois de assistir ao filme completo. Jó sofreu, mas no final valeu a pena. O final foi melhor que o início. Deus é um Deus compassivo que busca o melhor para Seus filhos.

Talvez hoje tenha vindo alguém a esta reunião que esteja ferido; alguém que perdeu um ente querido ou que está passando por uma grave crise, porque está só, porque teve um sonho destruído. Embora não saiba o porquê, você pode confiar em Deus, pois Ele sabe o que é melhor para você. Ele pode ver coisas que você ainda não viveu. Desde pequeno, aprendi sobre o poder do abraço de um pai. E Deus é um pai cheio de compaixão. No ombro de Cristo, as suas lágrimas secarão. Ele sabe o que é melhor para nós.

II. CHORO DE ARREPENDIMENTO

Nem sempre o choro é de arrependimento. Por exemplo, ao perder seu direito à primogenitura, Esaú “entristecia-se por causa dos

resultados de seu pecado, mas não pelo próprio pecado” (*Patriarcas e Profetas*, p. 124). Esse choro não recebe uma bem-aventurança.

Há três enganos que impedem a compreensão do verdadeiro arrependimento:

- a. O engano da comparação. Pode ser que, ao se comparar com outros pecadores, você até pareça ser santo. “Afinal, eu não sou tão mau. Todo mundo vive assim, e nada acontece. Não fazemos mal a ninguém.” Você minimiza o seu pecado. O fariseu diz: “[...] Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; [...]” (Lc 18:11, 12). A oração do fariseu não foi considerada, mas a oração do pobre publicano que unicamente pôde dizer “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” e que suscitou a compaixão do Senhor. Sua oração foi aceita.
- b. O engano social. Esta é uma armadilha perigosa. “O mundo é injusto”, dizemos. “Há desigualdade. Realmente nós não somos culpados. Somos obrigados a viver assim. Somos apenas culpados pela culpa social.” Esse enfoque nos impede de enfrentar nossos próprios problemas. Assim nos distraímos da dimensão de nossa maldade e a projetamos na culpa social; assim conseguimos uma desculpa que nos impede do arrependimento e da verdadeira dor por nossos erros. “Ninguém pode vir a Cristo e conhecer Seu perdão sem sentir que o pecado é uma coisa odiosa, pois levou Cristo à morte” (Spurgeon).
- c. O engano do tempo. Aprendemos a contar coisas terríveis do nosso passado, atos dos quais nunca nos arrependemos, como se o tempo diminuísse a gravidade do que fizemos. Enganamo-nos considerando que o tempo torna o pecado menos pecaminoso. O tempo não purifica o pecado. Apenas a graça e a compaixão de Cristo ajudam. Assim sendo, o passado somente deve me trazer humildade e reverência. Não acredite que o perdão de Deus não tem a ver com a história. A Bíblia ensina que Deus Se esquece, oculta os pecados no fundo do mar e elimina a dívida de sua conta quando você se arrepende e cai aos pés de Cristo, permitindo que o sangue de Cristo limpe seu pecado. A verdade é que então Ele assume a sua culpa.

Quando nos colocamos diante de Deus, percebemos quão distantes estamos dEle e passamos a compreender a verdadeira maldade que há na nossa vida.

- d. “A oração de Davi, depois de sua queda, ilustra a natureza da verdadeira tristeza pelo pecado. Seu arrependimento foi sincero

e profundo. Não fez nenhum empenho por atenuar a culpa; nenhum desejo de escapar ao juízo que o ameaçava lhe inspirou a oração. Reconheceu a enormidade de sua transgressão; viu a contaminação de sua alma; aborreceu o pecado. Não suplicava unicamente o perdão, mas também um coração puro. Anelava a alegria da santidade — ser reintegrado na harmonia e comunhão com Deus” (*Caminho a Cristo*, p. 24, 25).

Depois de sua imensa dor e lágrimas por seu pecado, Ele exclamou: “Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto” (Salmo 32:1, 2). Essa é a chave do pranto que Cristo veio consolar. É aos que choram com verdadeiro arrependimento que, com infinita compaixão, Cristo diz: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”.

Conclusão:

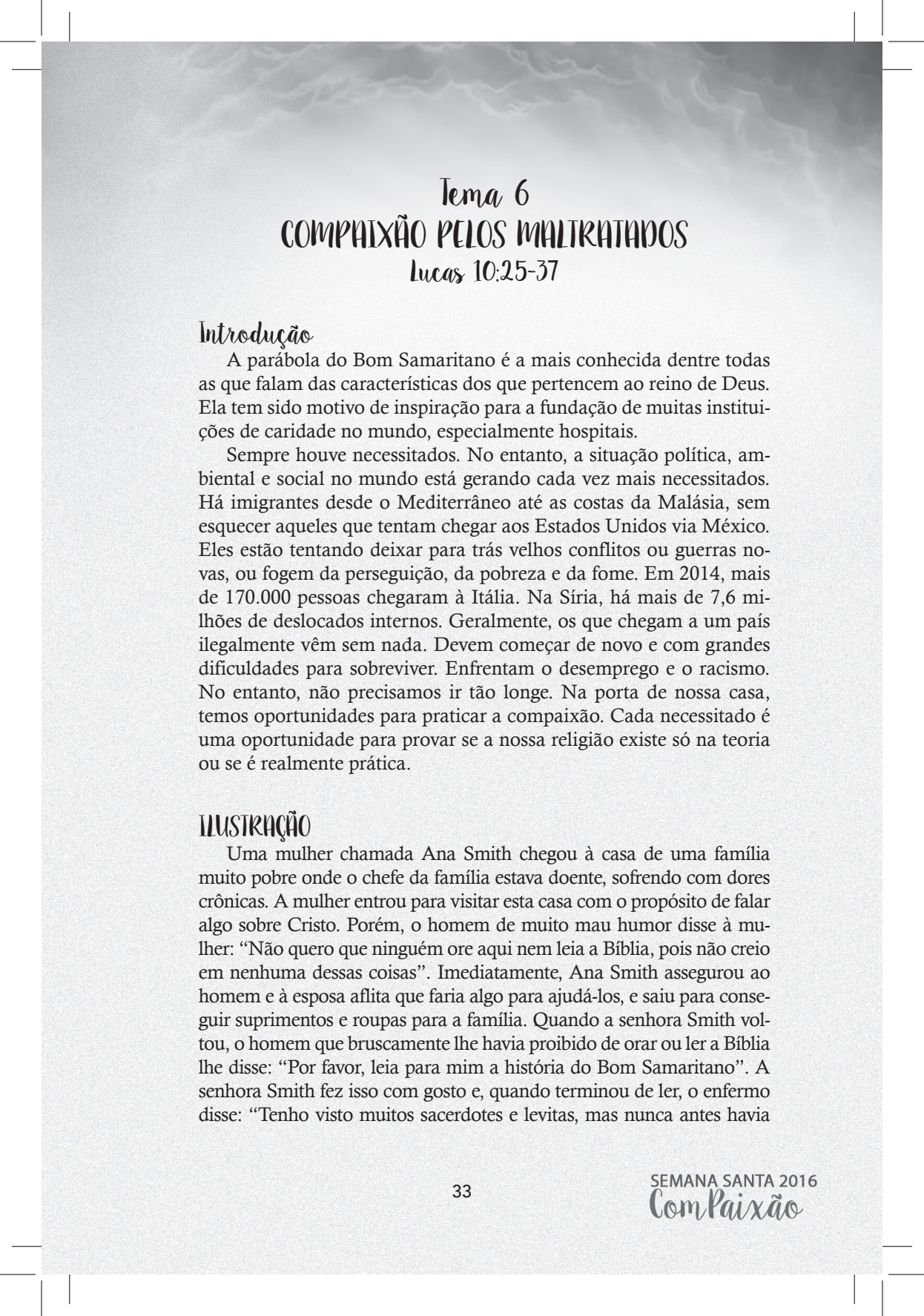
Como pastor, criei meus filhos nos costumes e na fé do Senhor. Vivíamos em uma linda instituição cristã, e nossa casa ficava exatamente na frente do campo de esportes. Depois de fazerem suas tarefas, meus dois filhos tinham autorização para ir jogar. O exercício lhes fazia bem, e eu preferia vê-los correndo a vê-los sentados, em grupo, planejando travessuras. Certo dia, alguém me disse algo em tom muito confidencial: “Pastor, você sabia que seus filhos falam palavrões? É verdade! Vá ao campo onde eles estão jogando e comprove”. Essa declaração me fez tremer. “Em que momento perdi meus filhos?”, eu me perguntei. Naquela tarde, fui ao campo. O sol havia se posto, e a iluminação artificial deixava o campo na penumbra. Escondi-me atrás de uma parede e fiquei ali um bom tempo e quanto mais tempo permanecia ali, mais presumia que tudo fora um erro. Era impossível que meus filhos dissessem algo assim. Já estava para me retirar, quando ouvi um palavrão. Dei um salto para ver se era meu filho, mas por entre a penumbra vi dois meninos. “Creio que deve ter sido o outro menino”, eu me consolei. “Vou esperar um pouco mais.” Transcorreram outros minutos e novamente ouvi o palavrão e outros mais. Saltei do lugar onde estava e, desta vez, ali, sozinho, perto da trave, inconfundível, estava meu filho, agora surpreso e horrorizado.

Aproximei-me dele. Os demais meninos me viram e desapareceram como por encanto. Ficamos apenas eu e ele. Não trocamos uma palavra. Eu apenas lhe disse: “Vamos para casa”. O caminho de apenas 30 metros se tornou longo. O pai adiante e o filho culpado atrás.

Ele seguia como o cordeiro para o matadouro. “O que farei?”, pensei. “Como irei discipliná-lo? E seu eu apenas conversar e perdoá-lo? Será suficiente? Que tipo de castigo ele deve receber? Serei firme”, resolvi. “Ele deve saber que nunca mais deverá proferir esse tipo de palavras.” Ao nos aproximarmos da porta, naquela noite que parecia estar mais escura do que nunca, meu filho correu até mim, agarrou-me pelas pernas e começou a chorar. “Não me deixarei comover”, pensei. “Ele quer me convencer com suas lágrimas para que eu não o castigue. Não vou ceder”, reafirmei. Com frieza, eu lhe perguntei o que ele queria. Então, sua resposta me comoveu. Eu não esperava a sua reação. “Castigue-me, papai! Castigue-me! Eu não consigo deixar de falar essas palavras. Eu digo que não vou falar, mas elas saem da minha boca de novo.” Ali, na sombra daquela noite de verão, abracei meu filho e pensei: “Isso também ocorre comigo. Não quero fazer muitas coisas e as faço. Perdoa-me, Pai!”, eu exclamei. Depois de longos minutos juntos e de literalmente misturarmos nossas lágrimas, creio firmemente que ambos fomos perdoados.

Apelo:

Por anos, você tem carregado a dor imensa por seu pecado. Talvez você pense que isso é algo normal ou que o tempo consertará as coisas. Não se engane. O pecado não é normal; ele é mortal. Somente Cristo pode livrá-lo do peso que você carrega na alma. Os psicólogos tentam minimizar sua culpa, mas sem resultado. Cristo é o único que o pode livrar se, com arrependimento, você Lhe disser: “Senhor, não quero mais esconder meu pecado. Confesso a Ti o meu pecado. Sê propício a mim, pecador”. Aproveite essa oportunidade para abrir seu coração e, com lágrimas, as mesmas lágrimas da mulher que derramou o perfume, venha aos pés de Jesus. O choro espiritual não produz desalento. Junto com o pranto, virá a mão compassiva de Cristo, que consola os aflitos e seca as lágrimas de Seus filhos. Então você ouvirá as palavras de um Cristo cheio de compaixão que lhe diz: “Os seus pecados foram perdoados. Vá e não peque mais”.



Tema 6

COMPAIXÃO PELOS MALTRATADOS

Lucas 10:25-37

Introdução

A parábola do Bom Samaritano é a mais conhecida dentre todas as que falam das características dos que pertencem ao reino de Deus. Ela tem sido motivo de inspiração para a fundação de muitas instituições de caridade no mundo, especialmente hospitais.

Sempre houve necessitados. No entanto, a situação política, ambiental e social no mundo está gerando cada vez mais necessitados. Há imigrantes desde o Mediterrâneo até as costas da Malásia, sem esquecer aqueles que tentam chegar aos Estados Unidos via México. Eles estão tentando deixar para trás velhos conflitos ou guerras novas, ou fogem da perseguição, da pobreza e da fome. Em 2014, mais de 170.000 pessoas chegaram à Itália. Na Síria, há mais de 7,6 milhões de deslocados internos. Geralmente, os que chegam a um país ilegalmente vêm sem nada. Devem começar de novo e com grandes dificuldades para sobreviver. Enfrentam o desemprego e o racismo. No entanto, não precisamos ir tão longe. Na porta de nossa casa, temos oportunidades para praticar a compaixão. Cada necessitado é uma oportunidade para provar se a nossa religião existe só na teoria ou se é realmente prática.

ILUSTRAÇÃO

Uma mulher chamada Ana Smith chegou à casa de uma família muito pobre onde o chefe da família estava doente, sofrendo com dores crônicas. A mulher entrou para visitar esta casa com o propósito de falar algo sobre Cristo. Porém, o homem de muito mau humor disse à mulher: “Não quero que ninguém ore aqui nem leia a Bíblia, pois não creio em nenhuma dessas coisas”. Imediatamente, Ana Smith assegurou ao homem e à esposa aflita que faria algo para ajudá-los, e saiu para conseguir suprimentos e roupas para a família. Quando a senhora Smith voltou, o homem que bruscamente lhe havia proibido de orar ou ler a Bíblia lhe disse: “Por favor, leia para mim a história do Bom Samaritano”. A senhora Smith fez isso com gosto e, quando terminou de ler, o enfermo disse: “Tenho visto muitos sacerdotes e levitas, mas nunca antes havia

visto um bom samaritano”. A amargura do homem e seus preconceitos desapareceram por causa da boa ação de uma cristã.—Arnold

Para entender essa parábola a partir de outros ângulos, proponho estudá-la por meio de cinco perguntas:

I. QUANTO VOCÊ SABE E QUANTO PRÁTICA?

A história começa com a pergunta não muito bem intencionada de um professor judeu da lei a Jesus: “Que farei para herdar a vida eterna?”.

O Senhor Jesus Cristo aproveitou a oportunidade para dar uma lição àqueles que participavam da reunião e também a nós na atualidade. Jesus lhe respondeu na linguagem dele: “O que está escrito na lei? Como você a interpreta?”.

A resposta quase automática do escriba inclui uma combinação de dois textos da Torá: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente; e a teu próximo como a ti mesmo” (Dt 6:5; Lv 19:18). Aparentemente, a amalgamação desses dois textos já era costume entre os judeus. E esta havia feito uma fusão genial de textos. O escriba demonstrava um alto grau de conhecimento da Torá. No entanto, embora fosse muito bom para argumentar e soubesse de cor uma infinidade de textos, mais importante que a fusão de dois textos era a fusão de dois conceitos: o amor para com Deus e o amor ao próximo. Será que os judeus entenderiam nessa combinação do amor a Deus e do amor ao próximo um só amor? A resposta é um sonoro “não”. Para eles, amar a Deus não é o mesmo que amar ao próximo, nem amar ao próximo é o mesmo que amar a Deus.

Jesus aprovou a resposta do escriba, mas insistiu que havia mais do que uma resposta teórica correta. A interpretação correta de uma passagem nunca garante por si só uma vida correta dentro do pacto. Por isso, Jesus acrescenta: “Faça isso e você viverá” (v. 28).

II. QUEM É MEU PRÓXIMO?

A pergunta do escriba “quem é meu próximo?” não é uma simples evasiva. É uma pergunta muito fundamental para todo judeu contemporâneo de Jesus. O judeu comum vivia em um mundo concêntrico: no centro estava o judeu rodeado por seus parentes mais próximos; nos círculos seguintes estavam seus parentes mais distantes; depois estavam todos os compatriotas judeus, tanto por nascimento como por conversão. O vocábulo “próximo” continha um conceito recíproco: eu sou um

irmão para ele, e ele é um irmão para mim. Evidentemente, é um círculo tanto egocêntrico quanto etnocêntrico. Claramente, é um círculo desenhado especificamente com o objetivo da exclusão. O círculo assegurava auxílio aos de dentro e total falta de ajuda aos de fora (Kistemaker, p. 167). Porém, o exclusivismo era levado a extremos: os fariseus excluíam todos, menos outros fariseus. Os rabinos desejavam inclusive que os hereses, delatores e renegados fossem jogados em um poço para não serem tirados nunca dali. O comentarista Jeremias acrescenta: “Não pedem que Jesus dê uma definição do próximo, mas que diga onde se encontram os limites do dever do amor dentro da comunidade e do povo. Até onde vai a minha obrigação?” (Roberto Fricke, *Las parábolas de Jesús*, p. 246).

III. ATÉ ONDE VAI A MINHA OBRIGAÇÃO?

Na história não é revelado se o ferido era pobre ou rico. Simplesmente descreve-se alguém que precisava de ajuda. A história não descreve se o ferido prometeu pagar todos os gastos e o tempo investido. Este atuou simplesmente por compaixão. Do ponto de vista dos negócios, o samaritano trabalhou à toa.

Nesta parábola, Cristo nos diz que devemos responder a uma necessidade que poderia não ser conveniente. Há riscos em ser compassivo. O mais sábio e seguro para o samaritano teria sido seguir seu caminho e deixar o maltratado enfrentar suas consequências. Às vezes, teremos que atuar mesmo que não haja nenhuma garantia dos resultados que gostaríamos de ver.

Alguém que não possa me agradecer nem me pagar. É parte de nós, seres humanos, querer receber crédito pelo bem que fazemos, especialmente se tivermos feito algum tipo de sacrifício. Mesmo sendo cristãos, podemos nos sentir tentados a afirmar que estamos “dando glória a Deus”, quando o que realmente queremos é a gratificação de ser reconhecidos por nossos esforços. Ou podemos sentir que nosso ressentimento é justificado quando a pessoa que ajudamos parece ingrata ou não responde como nós cremos ser correto.

O samaritano sabia que o homem que estava meio morto não era capaz de expressar agradecimento nem de devolver a ajuda que havia recebido. Quando se recuperasse, o desconhecido que o ajudou já teria ido embora há muito tempo. Em Mateus 6:1-4, Jesus explica como devemos tratar os necessitados. Ele nos ensina que devemos dar aos outros em segredo, intencionalmente, e sem nos vangloriarmos do que fizemos para receber elogios. Descobriremos que nos dará mais alegria poder demonstrar amor, dando nosso tempo, energias e recursos, sem

impor condições para isso. Alguém por quem valha a pena me arriscar, mesmo que tenha meus temores.

Alguém que é amado e valorizado por Deus, apesar dos meus preconceitos. Os líderes religiosos viram só um homem indigno, que podia transtornar suas vidas ou causar-lhes dano. Já o samaritano viu outro ser humano que merecia ser tratado com dignidade. É evidente que o samaritano reconheceu o homem como um indivíduo com um futuro, não simplesmente alguém definido por sua situação presente.

IV. POR QUE NÃO MUDAR DE PERGUNTA?

Em seu último discurso, Martin Luther King relatou sua própria experiência pelo antigo caminho de Jericó. Quando viu o traiçoeiro e sinuoso caminho, ele entendeu quão preocupados deviam haver estado o sacerdote e o levita de Lucas 10 sobre a sua própria segurança, ao ver o homem moribundo. O Dr. King concluiu que, além de seu temor de ficarem cerimonialmente impuros, eles podem muito bem ter se preocupado com a possibilidade de ladrões por perto ou se o homem os estava atraindo para uma armadilha.

O Dr. King viu quão fácil nos é fazer a mesma pergunta: Se eu parar para ajudar, o que vai acontecer comigo? “Porém, logo”, disse, “veio o Bom Samaritano, e este fez a pergunta ao contrário: ‘Se eu não parar para ajudar este homem, o que acontecerá com ele?’”. Em essência, o que Jesus quer é que invertamos a pergunta para que posamos colocar os outros antes de nós mesmos.

Ilustração

Um pai caminhava nervoso em sua casa olhando para o relógio que já indicava mais de meia-noite. Ele temia que sua filha que tinha acabado de completar 18 anos não chegasse em casa. Ela havia prometido voltar antes da meia-noite. Ele não pôde mais aguentar. Ele conhecia o lugar. Então, decidiu sair para procurá-la. Estava nervoso e até obcecado. Sua filha nunca havia falhado com ele. Ele acelerava a marcha. Felizmente, a essa hora não havia muito trânsito. Ao chegar a uma área considerada não muito segura e onde se haviam registrado alguns assaltos, ele se viu obrigado a diminuir a velocidade. Imediatamente, percebeu que havia acontecido um acidente e segundo se notava, este devia ter sido recente. Só havia parado uma mulher que tentava ajudar. “Tenho que deixar de lado”, pensou. “Não posso perder meu objetivo. Além disso, já há alguém ali e, sem dúvida, vai chamar a emergência.” Quando ele estava prestes a acelerar, o espírito do

samaritano o dominou, e ele se sentiu obrigado a frear bruscamente e a aproximar-se do lugar do acidente. Quando ele se aproximou para abrir a porta, notou que quem estava ferida e presa entre os bancos do veículo era sua própria filha. Com força incomum, ele conseguiu desprendê-la dos ferros e, quando ele a retirava em seus braços, o fogo tomou conta do veículo. Ele havia agido bem na hora. Tremendo, ele se perguntou: “O que teria acontecido se eu não tivesse parado?”.

Ao seu lado, há pessoas esperando sua ajuda. Cristo nunca Se esquivou e o deixou abandonado. Você não pode ser insensível a esse clamor. A compaixão de Cristo deve ser a sua. E lembre-se: ao salvar uma vida, você pode estar salvando a sua.

V. O MALTRATADO REPRESENTA QUEM?

Geralmente, pensamos no Bom Samaritano da parábola como uma figura semelhante a Cristo. Realmente, assim é, porque Jesus “andou fazendo o bem” (At 10:38). Porém, em um sentido mais profundo, o homem que caiu entre ladrões é o representante de Cristo, o próximo que necessita de minha ajuda. Foi a Cristo, que ficou nu, espancado e deixado para morrer, que o samaritano ajudou. Este é o coração do ágape cristão: “A mim o fizestes”. Não há mérito em nosso serviço, porque o melhor que podemos fazer não é digno dAquele que fez tanto por nós. O pobre que sofre, a quem eu ajudo, me confere um favor, não eu a ele, porque ele me mostra a Cristo, faz com que Cristo seja real para mim, me permite tocar, atender e servir a Cristo.

Da próxima vez que você vir alguém digno de compaixão, pense nisso. O necessitado que está diante de mim é a oportunidade de devolver um pouco a compaixão que Cristo teve por mim. Na verdade, eu sou o maltratado que jazia no caminho, sofrendo as consequências das minhas transgressões e loucuras, mas Cristo passou perto de mim, parou, limpou as minhas feridas, me carregou em Seus braços, me levou a um lugar seguro e ainda pagou a conta dos meus gastos. Imerecidamente, eu recebi a misericórdia de Cristo. E esse pagamento não foi pouco; significou o sangue de Cristo que pagou o meu resgate. Ele morreu para que eu pudesse viver.

Conclusão

Esta é a verdadeira compaixão: esplagnízomai, um amor verdadeiro, um amor que vem das entranhas e que não tem limites, um amor que temos que aprender.

Faça esta oração:

Senhor, não quero me esquivar
diante do homem ferido no caminho da vida.
Quero me aproximar
e me contagiar da Tua compaixão
para expressar Teu amor e Tua ternura.
Tu, Jesus, bom samaritano,
aproxima-Te de mim,
ferido pelas flechas da vida,
pela dor de tantos irmãos,
pelos mísseis da guerra.
Sim, aproxima-Te de mim,
bom samaritano;
e leva-me em Teus braços.
Vem, bom samaritano,
e faz-me ter os Teus mesmos sentimentos,
para não dar nunca nenhum rodeio
ante o irmão que sofre,
mas fazer-me companheiro de seus caminhos,
amigo de suas tristezas,
próximo de suas doenças,
para ser, como Tu, “ilimitadamente bom”
e passar pelo mundo “fazendo o bem”
e “curando as doenças”.

Tema 7
COMPAIXÃO PELOS PERDIDOS
Lucas 15:11-32

Introdução

Não foi feita uma estatística mundial, mas é muito provável que a parábola do filho pródigo seja a parábola que tenha trazido mais almas aos pés de Cristo. Ela é a parábola mais conhecida e a mais longa de todas as parábolas que Cristo ensinou.

Todos nós, em algum momento de nossa vida, saímos de casa e refletimos uma parte da história do jovem pródigo. Infelizmente, nos afastamos de Deus e trouxemos dor e sofrimento ao nosso Pai.

Há alguns que podem dizer que tem sido melhor para eles viver fora de casa. É porque estão vivendo os dias de abundância. Na vida, sempre há escassez, e é ali que temos que tomar decisões.

Ao revermos esta parábola, vemos duas cenas que confirmam que Cristo contou esta história para mostrar aos perdidos o caminho para casa.

I. O FILHO QUE ESTAVA PERDIDO ESTAVA MORTO (Lucas 15:24 e 32)

“Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado.”

Na passagem, o sinônimo de perdido é morto.

O próprio pai do jovem disse que ele estava morto; repetiu isso duas vezes nos versículos 24 e 32. Esse menino estava morto. Só faltava enterrá-lo.

Há algumas igrejas que pregam assim: “Não importa o que você faz e como vive. Você não perdeu nada. Continua sendo filho de Deus. Chegará o dia em que você voltará aos Seus braços”. Com esse pensamento, muitos cristãos se afastam das igrejas e se dedicam a viver uma vida pecaminosa. Eles justificam: “Como sou um filho de Deus afastado de casa, logo poderei voltar”.

Em nome desse cristianismo falso, que diz que não importa como vivemos, somos filhos o tempo todo. Bill Clinton, um batista confesso, dizia que era um filho de Deus, mesmo quando vivia em pecado. Uma mulher que dirigia um prostíbulo em Los Angeles disse que era uma cristã renascida e continuava com seu triste negócio. E então,

um líder evangélico se levantou e disse: “Não a julguem!”. Que tipo confuso de cristianismo é esse? Chama-se antinomianismo e vem da crença de que se pode viver em profundo pecado, quebrantando a lei de Deus, e ser filho de Deus ao mesmo tempo. Explica que a graça de Deus nos libera da observância das leis morais.

As estatísticas mostram que o Brasil é o país mais religioso da América do Sul, com 90% das pessoas afirmando ser cristãs. Temos o maior número de católicos que qualquer país no mundo e as maiores igrejas evangélicas da América Latina. Mas o que acontece nos dias de carnaval? Onde estão nossos jovens cristãos? “É um assunto cultural. Isso é normal”, explicam.

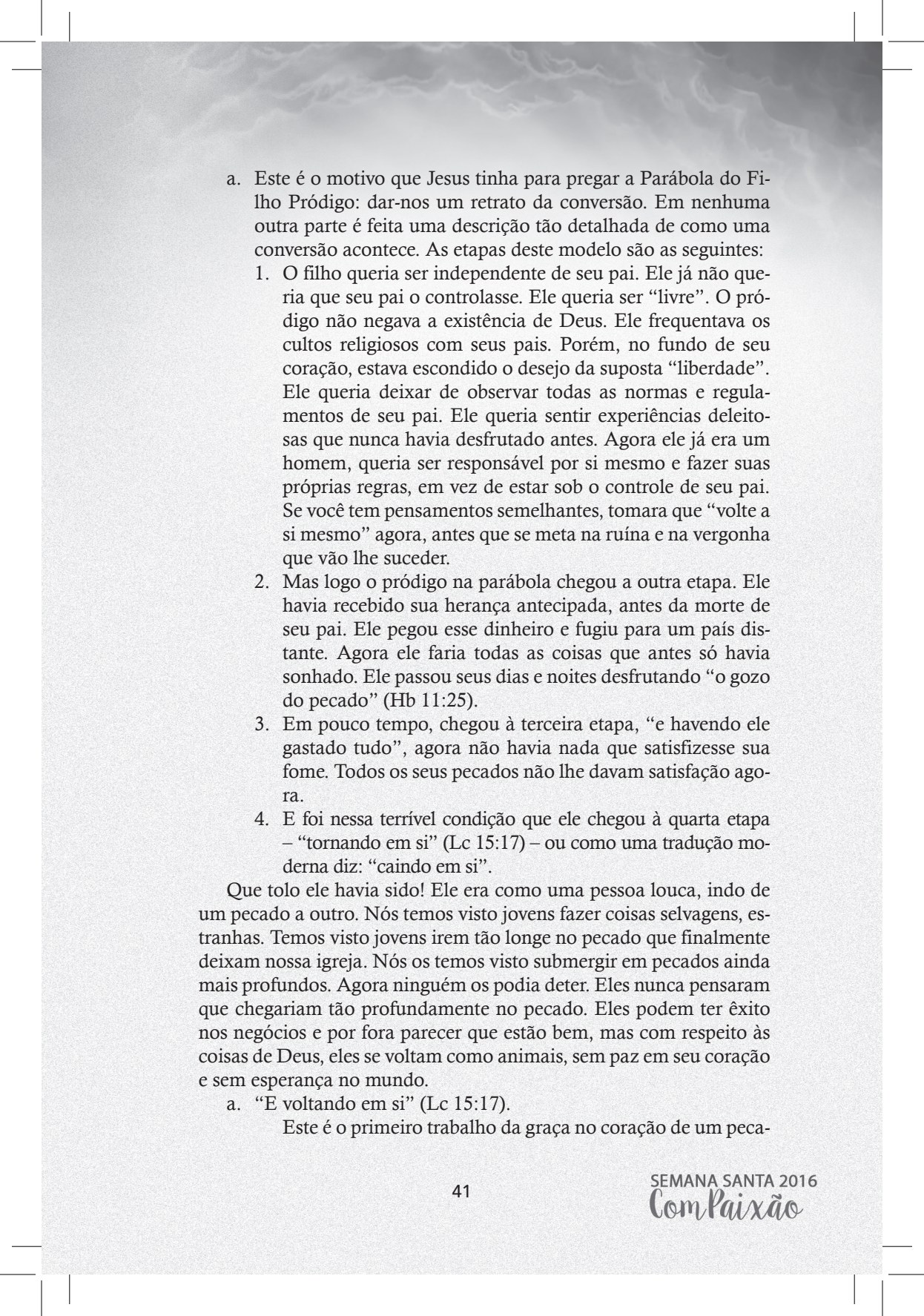
Há um artigo de um evangelista que diz: “Eu vivo na Carolina do Sul e amo o Sul. Eu não estou tirando sarro de ninguém lá, mas parece que todo mundo ali diz que é convertido!”. Em alguns estados do Sul, há uma igreja em quase cada esquina. Inclusive nossos políticos e estrelas de cinema dizem que são salvos. No entanto, temos mais assassinatos, violações, drogas, pornografia, divórcio, mentiras e roubos que nunca. Então, o que há de errado? Qual é o problema? O problema é que há milhares de pessoas que afirmam ser cristãs e não se converteram. Dizer que alguém pode ser cristão e participar do mundo ao mesmo tempo é uma ideia infernal que prejudicou milhões de almas, paralisou as igrejas e trouxe a ruína espiritual a uma nação!

“Se a verdade santifica a alma, o pecado é odiado e evitado. [...] Cristo não pode partilhar de um coração dividido; o pecado e Jesus nunca estão em parceria” (*Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 160).

“Qualquer hábito ou prática conducente ao pecado, capaz de trazer desonra sobre Cristo, convém ser posto de lado, seja qual for o sacrifício” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 309).

II. O FILHO QUE ESTAVA PERDIDO RECOBRA A CONSCIÊNCIA

Esta parábola mostra um exemplo perfeito de conversão verdadeira. A conversão de Paulo seguiu este modelo. Grandes pregadores do século XX experimentaram o modelo de conversão do pródigo. Mesmo antes deles, muitos líderes da igreja passaram pelo mesmo: Lutero, Bunyan, Whitefield, os irmãos Wesley, bem como C. H. Spurgeon, R.A. Torrey e um dos grandes pregadores da China, o Dr Jhon Sung.

- 
- a. Este é o motivo que Jesus tinha para pregar a Parábola do Filho Pródigo: dar-nos um retrato da conversão. Em nenhuma outra parte é feita uma descrição tão detalhada de como uma conversão acontece. As etapas deste modelo são as seguintes:
1. O filho queria ser independente de seu pai. Ele já não queria que seu pai o controlasse. Ele queria ser “livre”. O pródigo não negava a existência de Deus. Ele frequentava os cultos religiosos com seus pais. Porém, no fundo de seu coração, estava escondido o desejo da suposta “liberdade”. Ele queria deixar de observar todas as normas e regulamentos de seu pai. Ele queria sentir experiências deleitosas que nunca havia desfrutado antes. Agora ele já era um homem, queria ser responsável por si mesmo e fazer suas próprias regras, em vez de estar sob o controle de seu pai. Se você tem pensamentos semelhantes, tomara que “volte a si mesmo” agora, antes que se meta na ruína e na vergonha que vão lhe suceder.
 2. Mas logo o pródigo na parábola chegou a outra etapa. Ele havia recebido sua herança antecipada, antes da morte de seu pai. Ele pegou esse dinheiro e fugiu para um país distante. Agora ele faria todas as coisas que antes só havia sonhado. Ele passou seus dias e noites desfrutando “o gozo do pecado” (Hb 11:25).
 3. Em pouco tempo, chegou à terceira etapa, “e havendo ele gastado tudo”, agora não havia nada que satisfizesse sua fome. Todos os seus pecados não lhe davam satisfação agora.
 4. E foi nessa terrível condição que ele chegou à quarta etapa – “tornando em si” (Lc 15:17) – ou como uma tradução moderna diz: “caindo em si”.

Que tolo ele havia sido! Ele era como uma pessoa louca, indo de um pecado a outro. Nós temos visto jovens fazer coisas selvagens, estranhas. Temos visto jovens irem tão longe no pecado que finalmente deixam nossa igreja. Nós os temos visto submergir em pecados ainda mais profundos. Agora ninguém os podia deter. Eles nunca pensaram que chegariam tão profundamente no pecado. Eles podem ter êxito nos negócios e por fora parecer que estão bem, mas com respeito às coisas de Deus, eles se voltam como animais, sem paz em seu coração e sem esperança no mundo.

- a. “E voltando em si” (Lc 15:17).

Este é o primeiro trabalho da graça no coração de um peca-

dor perdido. Somente o Espírito Santo pode fazer com que um pecador volte aos seus sentidos e comece a pensar sabiamente sobre sua vida e sobre seu destino eterno. E não escute o diabo se ele lhe disser que sempre poderá voltar, como o pródigo. Não conte com isso! Você somente pode vir se Deus o trouxer, e não há garantia de que Ele o trará de volta se você se meter voluntariamente no pecado. Ele poderia dizer: “Efraim está entregue aos ídolos; deixa-o” (Os 4:17). Tomemos uns minutos para ver como a Parábola do Filho Pródigo revela a conversão de um pecador perdido.

b. Voltando em si

“Voltando em si” – quando voltou aos seus sentidos cabais. Este é o primeiro sinal de que a graça de Deus está operando em sua vida.

Às vezes, esta mudança de mente acontece de repente. Dessa maneira, aconteceu com o Sr. Griffith, que canta: “Lord, I’m Coming Home” (Senhor, eu estou voltando para casa). Ele experimentou uma conversão repentina, de estilo antigo. Ele veio à igreja com um amigo. O pregador estava falando claramente sobre o pecado e o juízo. O amigo lhe disse: “Vamos embora daqui”. Griffith disse: “Espere. Eu quero ouvir isso”. O outro garoto foi embora, literalmente fugindo da mensagem. Griffith ficou. Ali foi convencido do pecado. Caindo em si, ele pensou: “O pregador tem razão. Eu sou um pecador”. Ali mesmo, ele confiou em Jesus e foi salvo. Ele ficou cheio do desejo das coisas de Deus da mesma forma como antes desejava as coisas do pecado. Todos os que o conhecem sabem que sua mudança de coração foi verdadeira, apesar de ele ter recebido a mensagem de maneira repentina. Foi assim que o pastor Cesar foi convertido. Essa é a maneira como um sobrinho meu foi convertido. Essa é a maneira como muitos dos que estão aqui presentes foram convertidos. Essa é a maneira como eles voltaram a seus sentidos de repente e confiaram em Jesus em um instante. E eles foram salvos na primeira vez que ouviram a pregação do evangelho!

c. “E voltando em si” (Lc 15:17).

Por outro lado, às vezes esta mudança vem muito gradualmente, muito lentamente. Foi assim que o irmão López foi convertido. Ele veio à igreja e ficou depois do sermão. Veio vez após vez. Ele tinha sua própria maneira de pensar. Começou a discutir com os instrutores que tentavam conectá-lo a Jesus. Um dia, ele discutiu com o pastor muito fortemente e foi re-

preendido com a Palavra. Saiu da igreja e tentou achar outra na qual a conversão fosse mais fácil. Finalmente, ele ligou a televisão, viu um programa no canal “Novo Tempo”, sentiu que de algum modo Deus lhe falou e começou a chorar. No sábado seguinte, ele voltou à igreja. Quando foi confrontado com a Palavra, voltou. E nós nos regozijamos! Quando ele veio aos instrutores novamente, seu orgulho estava quebrantado. Ele confiou em Jesus e se converteu.

- d. “E voltando em si” (Lc 15:17).

Um dos nossos garotos, líder dos Desbravadores, foi criado em nossa igreja. Ele lutou muito resistindo a Jesus, buscando uma sensação de bem-estar, em vez de buscar o perdão de seus pecados. Então, uma manhã ele estava com lágrimas nos olhos. Estava cansado de lutar. Alguém se ajoelhou ao lado dele e de sua mãe, e, naquele momento, ele confiou em Jesus. Assim ele se converteu.

- e. “E voltando em si” (Lc 15:17).

Robinson, um aluno do internato, odiava a igreja e odiava o preceptor por fazê-lo ir à igreja todos os sábados. Uma manhã, o Espírito Santo entrou em seu coração. Esse aluno veio chorando, quase de joelhos, reconhecendo o amor de Deus. E nesse momento, ele foi salvo como um cristão que se entrega aos pés de Jesus! Oh, glória a Deus! Ele se converteu.

Conclusão

É possível que você queira fazer um esforço para vir a Jesus. Pense que seus amigos desfrutem de uma linda vida cristã e você não. Você já está cansado disso. É quando você deve cair sinceramente diante de Deus e dizer-Lhe o que você vive. Você tem que estar disposto a deixar tudo, inclusive os porcos e as alfarrobas que o alimentam. Então, você encontrará o compassivo Pai que o espera com os braços abertos. Se seguir essa vida errada, um dia você ouvirá as tristes palavras: “Nunca vos conheci; apartai-vos de mim” (Mt 7:23). E, “ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó e todos os profetas no reino de Deus, e vós lançados fora” (Lc 13:28).

O Pai espera que em um momento você volte ‘em si’ e aos Seus braços. Ele poderia ir buscá-lo e trazê-lo à força, mas talvez você se sentiria obrigado a amá-Lo. E o amor não funciona assim.

Ilustração: Um rei todo-poderoso, que conquistou um reino vizi-

nho, arrastou uma princesa para o seu palácio. Com todo o seu poder e autoridade, ele deu à princesa tudo o que um rei podia dar, mas viu que a princesa tinha os olhos tristes e perguntou o seguinte:

– Por que seus olhos estão tristes?

– Porque não tive opção. Eu não tive escolha. Eu não escolhi amar ou não amar – respondeu ela.

– O que posso fazer para que você me ame?

– Você pode me deixar partir.

– E se você não voltar mais?

– Se eu não voltar mais, então você me perdeu.

– E se eu não deixá-la sair?

– Se você não me deixar partir, terá uma amante cativa, o que significa uma amante falsa.

Então, o rei teve que decidir se ele se relacionaria com o objeto de seu amor a partir de seu poder ou se ele se relacionaria com o objeto de seu amor a partir de seu amor.

O amor e a compaixão de Deus por nós são perfeitos, porque Ele nos deixa ir. Contudo, Seu amor não se apaga. Sua compaixão o alcançará, e hoje Ele aguarda seu retorno.

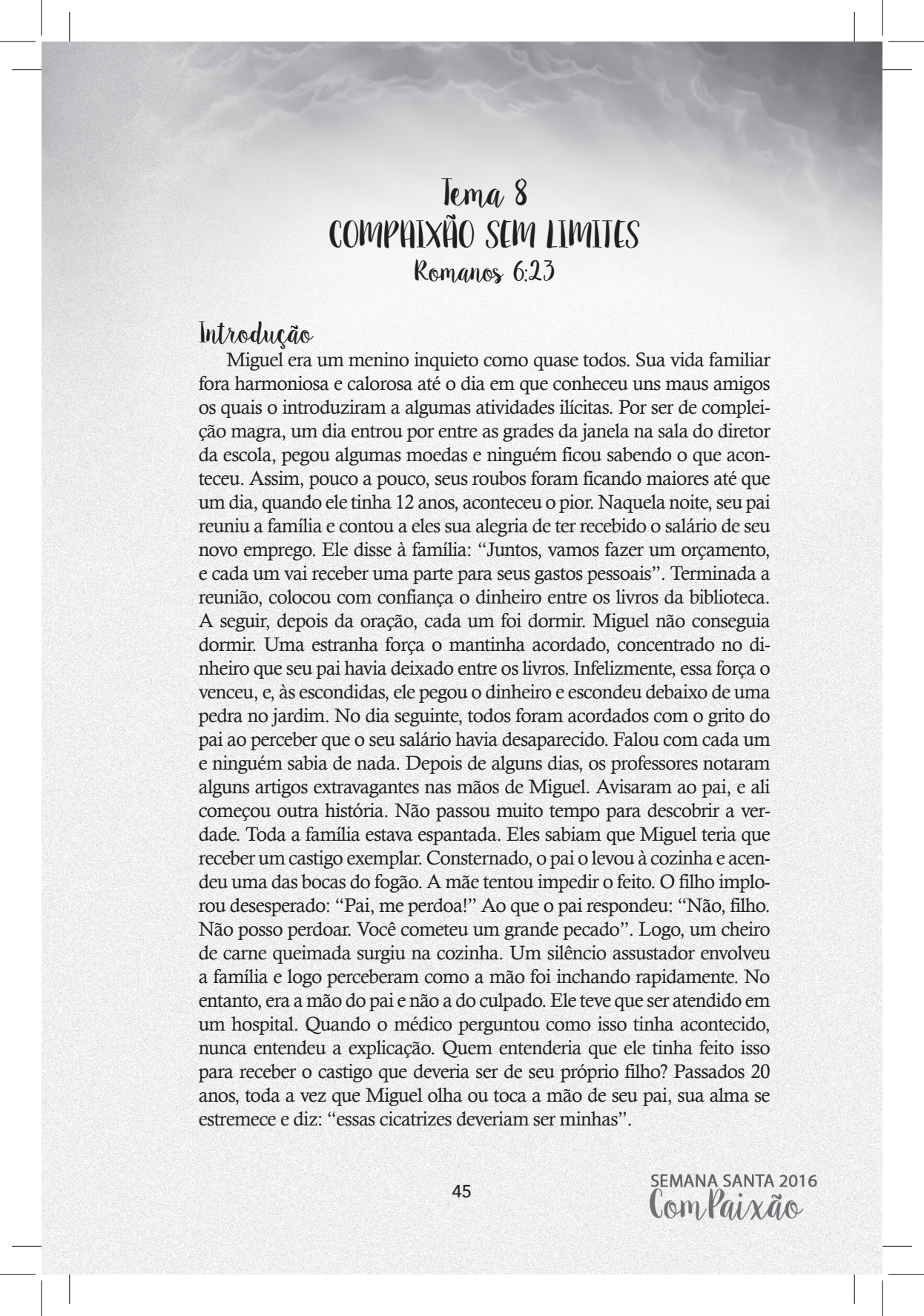
Eu lhe peço: Pense agora! Pense agora! Pense agora! “E voltando em si”. Oh, que você caia em si hoje! O pai compassivo nunca deixou de esperar por você. Ele espera que seja dito de você:

“E voltando em si” (Lc 15:17).

“O jovem disse em seu coração: Levantar-me-ei e irei a Jesus agora.”

Se você voltar a Cristo, Ele o receberá como o pai recebeu o filho pródigo. “Não o censurou por, em consequência de sua própria direção de pecado, haver trazido sobre si tanto sofrimento, antes com a mais terna piedade e compaixão apressou-se a dar-lhe provas de seu amor, e testemunho do perdão que lhe concedia” (*Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 308).

Se você gostaria de se tornar um cristão, por favor, deixe o seu lugar agora e venha. Comece a sua jornada de volta para casa.



Tema 8

COMPANHÃO SEM LIMITES

Romanos 6:23

Introdução

Miguel era um menino inquieto como quase todos. Sua vida familiar fora harmoniosa e calorosa até o dia em que conheceu uns maus amigos os quais o introduziram a algumas atividades ilícitas. Por ser de complexão magra, um dia entrou por entre as grades da janela na sala do diretor da escola, pegou algumas moedas e ninguém ficou sabendo o que aconteceu. Assim, pouco a pouco, seus roubos foram ficando maiores até que um dia, quando ele tinha 12 anos, aconteceu o pior. Naquela noite, seu pai reuniu a família e contou a eles sua alegria de ter recebido o salário de seu novo emprego. Ele disse à família: “Juntos, vamos fazer um orçamento, e cada um vai receber uma parte para seus gastos pessoais”. Terminada a reunião, colocou com confiança o dinheiro entre os livros da biblioteca. A seguir, depois da oração, cada um foi dormir. Miguel não conseguia dormir. Uma estranha força o mantinha acordado, concentrado no dinheiro que seu pai havia deixado entre os livros. Infelizmente, essa força o venceu, e, às escondidas, ele pegou o dinheiro e escondeu debaixo de uma pedra no jardim. No dia seguinte, todos foram acordados com o grito do pai ao perceber que o seu salário havia desaparecido. Falou com cada um e ninguém sabia de nada. Depois de alguns dias, os professores notaram alguns artigos extravagantes nas mãos de Miguel. Avisaram ao pai, e ali começou outra história. Não passou muito tempo para descobrir a verdade. Toda a família estava espantada. Eles sabiam que Miguel teria que receber um castigo exemplar. Consternado, o pai o levou à cozinha e acendeu uma das bocas do fogão. A mãe tentou impedir o feito. O filho implorou desesperado: “Pai, me perdoa!” Ao que o pai respondeu: “Não, filho. Não posso perdoar. Você cometeu um grande pecado”. Logo, um cheiro de carne queimada surgiu na cozinha. Um silêncio assustador envolveu a família e logo perceberam como a mão foi inchando rapidamente. No entanto, era a mão do pai e não a do culpado. Ele teve que ser atendido em um hospital. Quando o médico perguntou como isso tinha acontecido, nunca entendeu a explicação. Quem entenderia que ele tinha feito isso para receber o castigo que deveria ser de seu próprio filho? Passados 20 anos, toda a vez que Miguel olha ou toca a mão de seu pai, sua alma se estremece e diz: “essas cicatrizes deveriam ser minhas”.

Essa frase merece ser lembrada sempre: “essas cicatrizes deveriam ser minhas”.

Quando realmente compreendermos o que aconteceu naquela tarde na cruz do Calvário, entenderemos o que significa o amor e a compaixão. Para compreender isso, revisemos juntos o que aconteceu em dois jardins: no Jardim do Éden e no Jardim do Getsêmani.

I. O QUE ACONTECEU NO JARDIM DO ÉDEN

- a. Quando Deus criou o homem, deu-lhe uma ordem: “De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2:16, 17). Nessa ordem estava envolvido o princípio da retribuição. Isso significa que a obediência merece a vida e a desobediência merece a morte. O homem pecou. Todos nós pecamos, e a desobediência produz a morte. Deveríamos morrer. “Porque o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23).
- b. O homem não quer morrer, mas alguém tem que morrer. Alguém tem que pagar o preço do pecado no lugar do ser humano. É então que aparece a figura compassiva do Filho. Ele diz: “Pai, o homem merece morrer porque pecou, mas antes de cumprir a sentença, quero ir à Terra como homem e viver como ele. Quero assumir sua natureza, experimentar seus problemas, sofrer suas tristezas, suas alegrias e tentações”. Foi por isso que Cristo veio a este mundo como um menino.
- c. Ele não apenas parecia ser humano, mas era um ser humano de verdade, como você e eu. Teve as mesmas lutas que você tem, às vezes se sentiu sozinho e incompreendido. Experimentou as mesmas tentações que você e, por isso, e não simplesmente porque é Deus, Ele está mais perto de amá-lo e perdôá-lo do que de julgá-lo e condená-lo.
- d. Depois de ter vivido neste mundo, Cristo poderia dizer: Pai, eu vivi na Terra como um ser humano e fui tentado em tudo, mas não pequei. Como ser humano, ganhei o direito à vida. O homem, pelo contrário, pecou e merece a morte. Agora, Pai, o princípio de retribuição não impede que haja uma troca. Sendo assim, a morte que o homem merece, eu quero morrê-la. E a vida que eu mereço, porque não pequei, quero oferecê-la ao homem. Foi isso o que aconteceu na cruz do calvário. Uma troca de amor. Alguém morreu em nosso lugar.

II. O QUE ACONTECEU NO JARDIM DO GETSÊMANI

- a. Uns dias antes da morte de Cristo, a polícia prendeu um criminoso chamado Barrabás. O delinquente foi julgado e condenado à pena de morte. Devia ser cravado numa cruz. Esta era uma morte cruel. Ninguém morre por causa de feridas causadas nas mãos e nos pés. Na cruz, o sangue vai se acabando gota a gota. Às vezes, o marginal ficava cravado vários dias. O sol abrasador, o frio da noite, a fome e a sede iam acabando pouco a pouco com sua vida.
- b. Depois do julgamento, as autoridades contrataram um carpinteiro para preparar a cruz de Barrabás. Ali estava o delinquente e ali estava sua cruz, com suas medidas e com seu nome. Mas naquele dia, os judeus prenderam Jesus. Ele também foi julgado e condenado. A história conta que um homem chamado Pilatos, tentando defendê-Lo, apresentou perante o povo Cristo e Barrabás e disse: —Em datas como esta, temos o costume de soltar um prisioneiro. A quem quereis que eu solte desta vez, Cristo ou Barrabás? (Mt 27:17). O povo enlouquecido gritou: —Solta Barrabás! Crucifica a Cristo! (Mt 27:22, 23)
- c. O pastor A. Bullón, comentando esse acontecimento em seu livro *Conhecer Jesus É Tudo*, diz que se alguém entendeu alguma vez a plenitude do sentido da expressão “Cristo morreu em meu lugar”, foi Barrabás. Ele não podia acreditar. Ele, o marginal, o homem mau, estava livre. E aquele Jesus, manso e simples, que só viveu semeando amor, devolvendo saúde aos doentes e vida aos mortos estava ali para morrer em seu lugar.
- d. Bullón continua imaginando: Já não havia mais tempo para chamar o carpinteiro e preparar uma cruz para Cristo. Ali havia uma cruz vaga, com as medidas de outro, com o nome de outro, preparada para outro. E aquela tarde, Cristo ascendeu ao monte do Calvário carregando uma pesada cruz, uma cruz alheia, porque para Ele nunca ninguém preparou uma cruz. Sabe por quê? Simplesmente porque Ele não merecia uma cruz. Aquela tarde, Cristo estava carregando minha cruz. Era eu que merecia morrer, mas Ele me amou tanto que decidiu morrer em meu lugar e me oferecer o direito à vida, que, como homem, Ele tinha conquistado.
- e. Ali no Calvário, Cristo foi crucificado. A cruz foi levantada, e, com o peso do corpo, Suas carnes se rasgaram. A coroa de espinhos que Lhe foi colocada, incomodava mais do que nunca. O sangue escorria lentamente pelo rosto. Um soldado Lhe feriu o lado com uma lança. Ali estava o Deus-homem morrendo por amor.
- f. Ellen White descreve: “O sol se escureceu por completo, o

terror se apoderou de todos que ali estavam. Os relâmpagos pareciam lançados contra Ele... Ao entregar Sua vida preciosa, Cristo não Se sentiu animado de um gozo triunfante. Seu coração estava desgarrado pela dor. Mas não foi o medo da morte nem o suplício da cruz o que causou a Cristo tão terríveis padecimentos. Foi o gravíssimo peso dos pecados do mundo e o sentimento de Se achar separado do amor de Seu Pai o que quebrou Seu coração e causou tão rápida morte ao filho de Deus” (*Cristo Nuestro Salvador*, p. 131 - tradução livre).

- g. Até as aves dos céus e as bestas dos campos corriam de um lado para outro perscrutando em sua irracionalidade que alguma coisa estranha estava acontecendo. Só o homem, a mais bela e inteligente das criaturas, parecia ignorar que naquele instante seu destino eterno estava em jogo.
- h. Logo, tudo ficou em paz. As pessoas começaram a voltar para suas casas deixando a montanha solitária. Ali, pendurado em meio a dois ladrões, estava Jesus entregando a Sua vida pela da humanidade.

Conclusão

Não foi um herói nem um louco suicida que morreu na cruz, não foi um revolucionário social. Foi Deus feito homem, e como homem tinha medo de morrer. As palavras do Getsêmani refletem esse momento. “Pai, se queres, passa de mim este cálice” (Lc 22:42). A vida toda da humanidade estava em Suas mãos. Ele tinha medo, mas Seu amor foi maior que o medo. Como abandonar o homem no mundo de morte? Isso é o que talvez nunca consigamos entender. Por que Ele me amou tanto? Por que tanta compaixão? Ele o ama tanto que mesmo tendo medo da morte, aceitou-a para vê-lo feliz. Miguel, o menino da história inicial, agora um homem, estremecia cada vez que olhava as cicatrizes na mão de seu pai. Essas cicatrizes falavam tão forte ao seu coração que sua vida mudou. Sempre se perguntava: Como seria tão ingrato em não amar alguém que fez isso por mim? Essas cicatrizes tão horríveis deveriam ser minhas.

A compaixão de Cristo nos transforma e nos impulsiona a ter a mesma compaixão pelos que ainda não contemplaram o amor de Cristo, manifestado no Calvário. Eu nunca terei palavras para agradecer o que Ele fez por mim. Nunca poderei entender a plenitude de Seu amor por mim. Mas ao levantar os olhos para a montanha e ver pendurado na cruz um Deus de amor, o meu coração se amolece e exclamo: Essa cruz era minha! Como seria tão ingrato para não amar alguém que fez tanto por mim? O que você diz?